

SEIVA

mensário de cultura nacional e popular

\$3,00

AGOSTO — 1951

N.º 3 — ANO VI

NESTE NÚMERO:

POEMAS DE ELUARD

Tradução de SILVIO VALENTE

«DA PRÁTICA»

por MAO TSÉ TUNG

O GRANDE SATÍ- RICO GREGÓRIO DE MATTOS

por LUIS HENRIQUE

2 HEROIS DA JUVENTUDE

JOSÉ GORENDER

MENDEL OU LYSENKO

WLADIMIR GUIMARÃES

«NOSSA LUTA TERMINARÁ
COM A VITÓRIA DA PAZ E DA LIBERDADE»

• ENTREVISTA DE JORGE AMADO EM PRAGA •

O MANIFESTO DE AGOSTO É O GUIA DA INTELLECTUA- LIDADE PROGRESSISTA

O povo brasileiro comemora o 1º aniversário do Manifesto de Luiz Carlos Prestes, lançado à Nação em 1º de Agosto do ano passado. As comemorações aniversárias do Manifesto, feitas pelas amplas camadas da população, assumem, também, importância primordial para a intelectualidade progressista do Brasil.

O Manifesto de Agosto é o documento histórico que aponta o único e justo caminho para o povo brasileiro sair do dilema em que se encontra, de Paz ou guerra, Independência ou escravidão. Ele define o caráter da atual etapa da Revolução brasileira, a sua essência, e mostra a trilha certa para se alcançar os objetivos gerais e específicos do nosso povo, durante o processo de desenvolvimento e fim desta época de combates revolucionários. O Manifesto ensina que as lutas das grandes massas brasileiras dirigem-se, hoje, para a conquista de um Estado Democrático Popular, e que a etapa atual da Revolução é agrária e anti-imperialista. Abre-se, assim, um leito comum de lutas, de união e ação, para a absoluta maioria do povo brasileiro: o proletariado, as massas camponesas, a pequena burguesia urbana e a burguesia média. Deixam de participar dele, unicamente, os latifundiários, os grandes capitalistas e os agentes do imperialismo norte-americano — absoluta minoria do povo brasileiro, aqueles que são os responsáveis pelo terrível estado de miséria do nosso povo, e pelo atraso do país.

O Manifesto é uma luz e uma bússola para todo o povo brasileiro; é um guia de clareza extraordinária, para as atividades de todos os patriotas e democratas, homens e mulheres que desejam ver dias de liberdade e progresso para o povo brasileiro. A verdade do Manifesto é um indicativo preciso, de que não há futuro para os opressores e exploradores do Brasil e do seu povo.

Definindo, porém, a atual etapa da Revolução brasileira, o seu caráter e sua essência, o Manifesto define, também, o caráter e a essência da Revolução Cultural no Brasil. Neste sentido, o Manifesto é o guia da intelectualidade progressista do país. Vamos encontrar a caracterização da Revolução Cultural no Brasil no ponto 8 do programa revolucionário da Frente Democrática de Libertação Nacional, exposto por Luiz Carlos Prestes em seu Manifesto.

Diz o oitavo ponto: "INSTRUÇÃO E CULTURA PARA O POVO — Ensino gratuito para todas as crianças entre 7 e 14 anos de idade, e redução de todas as taxas e impostos que pesam, sobre a instrução secundária e superior. Trabalho para a juventude que termina seus estudos. Apoio e estímulo à atividade científica e artística de caráter democrático".

A primeira questão da Revolução Cultural no Brasil, como esclarece o ponto acima, é a questão de sua base: instrução para a absoluta maioria do nosso povo, amplas camadas da população hoje presas do analfabetismo. Quer dizer que a cultura, o acervo imenso dos conhecimentos humanos, deve passar a ser patrimônio do povo; deixará de constituir um privilégio da minoria, um "mistério" em que as classes domi-

(CONCLUI NA 3.ª CAPA)

SEIVA

MENSÁRIO DE CULTURA
NACIONAL E POPULAR

Redação: Rua Chile, 8 - 2.º andar

ANO VI — N.º III

Diretor:

Wladimir Guimarães

Redator-Chefe:

Luís Henrique Dias Tavares

Distribuidora para o Estado: Livra-
ria Popular, praça Municipal, 2.

OS 9 PONTOS DA F. D. L. N.

No Manifesto de Agosto, Luiz Carlos Prestes, conclamando: "Unamos todos, democratas e patriotas, acima de quaisquer diferenças de crenças religiosas, de pontos de vista políticos e filosóficos, homens e mulheres, jovens e velhos, operários, camponeses, intelectuais pobres, pequeno funcionalismo, pequenos comerciantes e industriais, soldados e marinheiros, oficiais das Forças Armadas, em ampla FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL", — chama o povo brasileiro para a ação e para a luta pelo seguinte programa:

- 1 — POR UM GOVERNO DEMOCRÁTICO POPULAR
- 2 — PELA PAZ E CONTRA A GUERRA IMPERIALISTA
- 3 — PELA IMEDIATA LIBERTAÇÃO DO BRASIL DO JUGO IMPERIALISTA
- 4 — PELA ENTREGA DA TERRA A QUEM A TRABALHA
- 5 — PELO DESENVOLVIMENTO INDEPENDENTE DA ECONOMIA NACIONAL
- 6 — PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS PARA O POVO
- 7 — PELO IMEDIATO MELHORAMENTO DAS CONDIÇÕES DE VIDA DAS MASSAS TRABALHADORAS
- 8 — INSTRUÇÃO E CULTURA PARA O POVO
- 9 — POR UM EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.

O Realismo Socialista na Música

J. Nestiev

É bastante conhecido o fato de que muitos dos grandes músicos do passado cultivaram tendências democráticas. As idéias da arte democrática, orientadas para o povo formaram o programa artístico de combate dos antigos compositores russos de vanguarda: Glinka, Tchaikovski, Musorgski e Borodin. Modeste Musorgski desejava não somente conhecer seu povo, como também confraternizar com ele. Tchaikovski escreveu: "Desejaria com toda a força da minha alma que minha música se difundisse, que se multiplicasse o número de pessoas que nela encontram consolo e alento". Segundo Romain Rolland, o genial Beethoven desejava que os "raios divinos" de sua música se expandissem sobre toda a humanidade; queria que a música "avivasse o fogo" das valorosas almas humanas. Listz e Verdi, Wagner e Grieg sonharam com um grande auditório de massas.

Quão longe se encontram destes anseios democráticos a teoria e a prática do "modernismo musical", com sua arte individualista, circunscrita a uma igreja de estetas! Os amantes da música, em todos os povos do mundo, conhecem e amam as obras de Racmaninov, Ravel, Sibélius e Glazunov, porém é difícil que alguém possa ouvir durante muito tempo as obras decadentes de Schenberg ou de Hindemit. O "modernismo musical" da Europa Ocidental, sobretudo em sua produção dos últimos tempos (anos de 20 a 40), constitui uma espécie de logogrifo. Nas mãos dos modernistas a sublime arte transforma-se em bagatela, unicamente capaz de divertir, por certo tempo, a um punhado de pessoas de gosto corrompido.

O aristocratismo, os "eleitos", os estreitos limites do cultivo do individualismo e da indiferença social são inadmissíveis na União Soviética, onde a arte pertence ao povo, onde a arte "deve ter suas profundas raízes na alma das vastas massas trabalhadoras" (Lénin). No país onde todos os bens pertencem aos trabalhadores, a arte não pode deixar de ser democrática e de massas. Esta é a razão por que um caráter popular, aliado a um elevado nível artístico, constitui um dos princípios essenciais da estética musical soviética.

Esta estética se opõe ao lema modernista da "arte pela arte" e lhe contrapõe a tese leninista do "espírito de partido da arte". Já faz muito que Lénin fustigou a "anarquia senhorial" dos literatos burgueses que consideram a arte como um singular mistério, isolada da vida, separada da luta social. "Não se pode viver em sociedade e ser independente dela", afirmava Lénin. A "liberdade e a independência" famosas dos artistas burgueses, em realidade, somente são ilusões

que encobrem as cínicas relações de compra e venda, venalidade e dependência.

A arte autêntica, honesta e profunda, é obrigada a expressar as idéias avançadas de seu tempo e não a voltar as costas aos problemas contemporâneos. Este requisito é parte integrante da música na U. R. S. S..

Mas pode a música soviética encarnar, por acaso, no mesmo grau que a literatura, o teatro ou o cinema, as idéias sociais de seu tempo?

Os partidários da orientação formalista se mostram inclinados a negar à arte musical uma ideologia concreta, conceituando-a tão só como uma acumulação de estruturas formalmente sonoras. Assim se costumam justificar as obras envenenadas da música sem texto, na qual, em geral, a indigência de pensamento é disfarçada com recursos artificiais e falsos. Não obstante, um meditado estudo da música do passado mostra que as imagens musicais, apesar de não serem concretas e diretas como as imagens literárias e pictóricas, sempre encerram um sentido real, ideológico e emotivo. Ninguém negará que a energia ardente e a força apaixonada da Revolução Francesa se refletiram na música de Grossec e Beethoven, com tanto vigor como nos quadros de David ou na poesia de André Chenier. O ouvinte sensível percebe o amor à liberdade, peculiar ao povo russo, na música de Borodin e de Musorgski; o sonho dos românticos alemães nas obras de Schubert ou de Schumann, o patriotismo dolorido da Polónia revolucionária nas obras de Chopin. Mas o estilo realista não surge na música na base da primitiva imitação dos sons. Equivocam-se profundamente os que imaginam o realismo na música como simples conjunto de tradicionais modos de representar pelo som o canto dos pássaros, o fluir da água ou o galope de um cavalo (onomatopéia).

Tais modos de representação, utilizados antigamente na música de diversos povos, não significam, de fato, uma arte verdadeiramente realista. O artista realista reflete, em imagens, filosoficamente sintetizadas, a essência mesma dos fenômenos da realidade e não suas fortuitas manifestações externas.

O músico realista encontra as imagens sonoras de suas obras na riqueza musical entranhada nos costumes do povo (a canção, a dança, a marcha e a toadilha instrumental). A música do passado elaborou diversas entoações para expressar imagens concretas da realidade. Recorremos os processos musicais característicos para descrever o trabalho e a guerra, as rodas típicas, convencionalmente denominadas pastoradas, canções de berço, cantos amoroso-românticos, melodias plásticas paisagísticas etc.. Estes elementos, devi-

dos aos clássicos, constituem a linguagem eternamente viva e verdadeira da música, incessantemente enriquecida com novas entoações, surgidas do cancionário da época.

O princípio essencial da estética musical soviética é a tendência a encarnar na música as idéias avançadas, o sentido e o espírito de seu tempo, por meio de expressão plenamente artística e compreensível para o povo. O tesouro inestimável do folclore dos numerosos povos da URSS (Rússia, Ucrânia, o Cáucaso, a Ásia Central), as novas canções nascidas da Revolução, enriqueceram constantemente o patrimônio artístico dos compositores soviéticos.

A orientação para a riqueza e a supremacia melódica, que é a "alma da música", e o afastamento dos artificiosos subterfúgios acrodo-harmônicos e timbristas, que obscurecem o sentido musical, constituem a particularidade mais acentuada da estética musical soviética. Os músicos soviéticos herdaram e continuam os princípios avançados dos clássicos da música russa. A luta pela melodia, que exprime de forma clara e natural as idéias e os sentimentos, contra a dissolução da música nas "belezas" rebuscadas das harmonias e dos timbres dissonantes, foi sempre a pedra angular da estética de Tchaikovski, Rimski Korsakov e Rachmaninov.

As justas indicações feitas recentemente aos compositores soviéticos significam um chamamento para restabelecer o ideal do belo e da elegância na música, conceitos que passaram a ser um anacronismo para os decadentes de toda espécie. "Se falamos com franqueza e exprimimos o que pensamos o espectador e o ouvinte soviéticos — disse André Zhdanov em seu discurso, dirigido aos músicos — não seria mal, em absoluto, que vissemos surgir mais obras parecidas com as clássicas por seu conteúdo e por sua forma, por sua elegância, beleza e musicalidade".

Isso não significa, é claro, renunciar à inovação e ao avanço, ao enriquecimento da música com novos elementos surgidos de nossa época. É preciso aprender com os clássicos, não de maneira cega, puramente imitativa de seus processos e imagens, mas tomando deles a capacidade para sintetizar e plasmar as idéias renovadoras de seu tempo, para representar o espírito da época, os pensamentos e os anelos de seu povo.

O realismo socialista exige dos artistas a representação fiel da realidade contemporânea, em seu desenvolvimento revolucionário, em seu impulso para as esplêndidas culminâncias do futuro. Daí que a arte realista soviética esteja impregnada do romantismo revolucionário, dos ideais afirmativos da vida e das emo-

(Conclui na página 19)

NOSSA LUTA TEM COM A VITÓRIA DA PAZ

Reportagem de HUMBERTO QUADROS
(REPRESENTANTE DA BARRA NO CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ESTUDANTES)

Foi numa noite, em Praga. Durante vários dias, em companhia de estudantes latino-americanos, delegados do Brasil ao Congresso da União Internacional dos Estudantes, procurei encontrar Jorge Amado na vasta e bela capital da Tchecoslováquia. Parecia impossível um encontro. Naqueles dias, o Comitê Mundial dos Partidários da Paz reunia-se em Praga, e Jorge, um de seus mais ilustres membros, estava atarefado com os preparativos do II Congresso Mundial dos Partidários da Paz. Mas, aquela noite, nós o conseguimos pegar. Jorge nos recebeu com um sorriso e muitos abraços, e nós o arrastamos para o longínquo Masarykova Kolej, gigantesco edifício construído pelo governo democrático-popular afim de alojar milhares de jovens estudantes, antes simples filhos de operários e camponeses, e então alegres universitários.



Jorge Amado, no mês em que concedeu esta entrevista, falando na reunião do Comitê Mundial dos Partidários da Paz, em Praga

JORGE E OS JOVENS

O Masarykova é belo. Os jovens estavam alegres, segurando aquele difícil Jorge Amado, e, entre risos e comentários, nós o conduzimos ao amplo salão-biblioteca do Kolej. Além de nós, brasileiros, encontravam-se mais de vinte jovens de Cuba, México, Argentina, Colômbia, Porto Rico, etc, tão entusiasmados quanto nós.

Eram 22 horas do dia 25 de agosto. Jorge sentou-se em nossa frente, e nós começamos a fazer perguntas.

ONDE VIVE JORGE AMADO

Naturalmente, antes de tudo, as mensagens que levávamos de milhares de jovens brasileiros para o seu romancista, Jorge Amado. Nós contávamos como sentíamos orgulho dos seus livros, de sua projeção, hoje, como um dos mais famosos escritores do mundo, e de sua participação na frente mundial dos partidários da Paz; contávamos, também, sobre as lutas do seu povo, dirigidas pelo nosso Partido e

por Prestes, e sobre a miséria que assolava nossa Pátria. Jorge nos ouvia demonstrando viva emoção. Depois, colocou-nos inteiramente à vontade, estendendo os braços e sorrindo para nós como se sempre nos conhecêssemos, a todos nós, naquele solene salão do Masarykova.

«— Perguntem, perguntem...» — pedia Jorge.

As primeiras perguntas referiam-se à sua vida. Onde vivia, como vivia?, queríamos saber. Jorge respondia.

Ele reside no antigo castelo de Dobris, há uns 60 quilômetros de Praga. Antigamente privilégio de aristocratas, Dobris é hoje a casa de inúmeros intelectuais e escritores tchecos. O castelo foi um presente do governo Gottwald aos homens de letras do país. É neste belo castelo, de rica e portentosa arquitetura, que mora Jorge Amado, cercado dos melhores e mais cultos escritores da Tchecoslováquia. Aí ele vive, estuda, e trabalha.

DISCUTIDO PELOS OPERÁRIOS

Quando se falou em trabalho, nós recordávamos as livrarias de Praga cheias dos livros de Jorge. As ruas do centro da cidade estão cheias de livrarias. São mais de 850. E todas elas estão expondo livros de Jorge. Que dizia o autor de «SEARA VERMELHA» sobre isto? Jorge nos diz que este fato só pode ser motivo de alegria e felicidade para ele.

«— Sinto-me, naturalmente, feliz — declara — possuindo leitores neste mundo novo e livre».

Acrescenta que em Moscou, Budapest, Paris, Varsóvia, Roma, Sofia, Pekim, e outras grandes cidades do mundo, outras livrarias também expunham livros seus, «os romances em que procurei escrever sobre o meu povo e suas lutas», diz. E Jorge aproveita para relatar um episódio de sua visita à União Soviética.

Visitava uma fábrica nos arredores de Moscou. No amplo salão de arte e conferências da fábrica, Jorge se encontrou em frente de centenas e centenas de operários soviéticos. Prestavam uma homenagem ao escritor do povo brasileiro.

«— Era uma incontida satisfação para mim, ter a consciência de que me encontrava no maravilhoso país em que os operários podem cantar e cantam Beethoven», diz Jorge, relatando, para um atento auditório de jovens, sua visita à URSS. Ele nos conta, então, como o maravilhou e espantou o conhecimento que os operários soviéticos mostravam ter de sua obra. Um operário, referindo-se a «Seara Vermelha», comparando-o a outros livros de Jorge, apresentou várias críticas ao romance. Achou que ele não revelava, por exemplo, com bastante clareza, o papel dirigente do proletariado brasileiro na revolução de 1935. Esse simples exemplo revela o nível cultural dos trabalhadores da pátria do socialismo.

MINARÁ DA LIBERDADE

TRADUÇÕES

Jorge fala de seus livros com extrema modestia. Com simplicidade, repete as críticas dos operários e escritores soviéticos aos seus romances. Alguns meses depois, ainda nos é possível perceber quanto estas críticas emocionaram o autor da «Vida de Luiz Carlos Prestes».

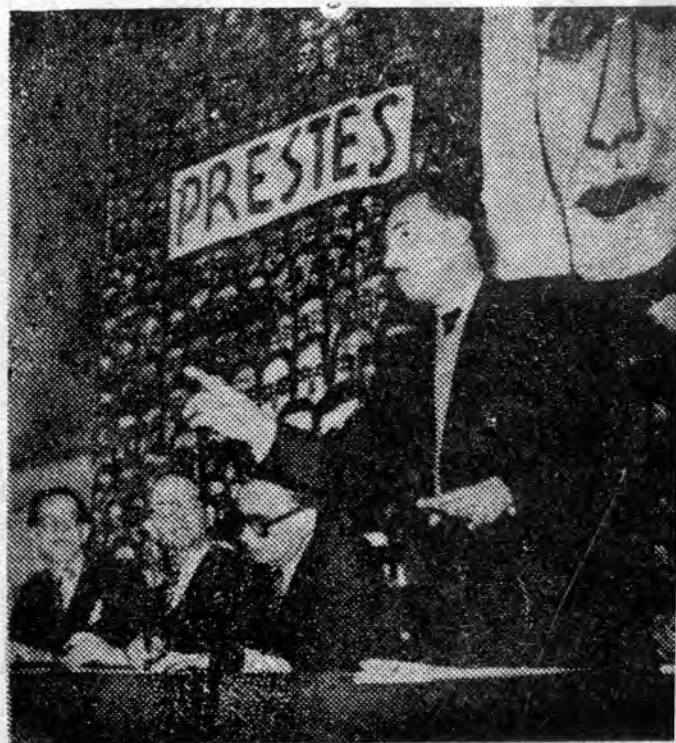
Surgem perguntas sobre as traduções dos seus romances. Os jovens pedem números. E Jorge atende às indagações.

Ficamos sabendo que o romance «Terras do Sem Fim» já foi traduzido para 21 idiomas; «São Jorge dos Ilheus» está em 19 línguas. Numa dessas traduções, foram tiradas duas edições de 100 mil exemplares, cada, do «São Jorge». Na Polônia, uma edição da biografia de Luiz Carlos Prestes alcançou uma tiragem de 90 mil exemplares. Está traduzido, já, a biografia em 11 idiomas.

O MURO DE PEDRAS

E, agora, que faz Jorge? Escreve algum novo romance? Também queríamos saber. Ele nos respondeu.

Presentemente, escreve uma obra cíclica, portentosa, que abarca os acontecimentos políticos do Brasil, de 1937 até o presente, ressaltando o papel dirigente do Partido Comunista do Brasil nas lutas democráticas e populares, e o heroísmo dos seus militantes, que se põem à frente do povo pela conquista de Paz, pão, terra e Liberdade. Esses



Jorge Amado falando, em Paris, num ato de solidariedade a Prestes

acontecimentos, como se sabe, foram intensamente vividos pelo romancista. A obra intitula-se «O MURO DE PEDRAS», e divide-se em três volumes. O primeiro está sem concluir — «O Subterrâneo da Liberdade» — e dele um trecho foi recentemente divulgado: «A Queda da Tipografia». Mil páginas datilografadas desse primeiro volume estavam escritas. Será traduzido para 19 línguas, inclusive para o chinês.

Jorge nos diz que «O MURO DE PEDRAS» assemelha-se à obra cíclica de Louis Aragon, «Les Communistes», pelo método de exposição e de análise dos acontecimentos. Contudo, as diferenças de situações e estilo não podem deixar

«O MUNDO DA PAZ»

«O MUNDO DA PAZ», o novo livro de Jorge Amado, publicado em Julho pela Editorial Vitória, não teve sua primeira edição em português. Antes de ser editado no Brasil, O MUNDO DA PAZ foi um livro de grande tiragem, seguido de novas edições, na Polónia e outros países das Democracias Populares.

O MUNDO DA PAZ é um livro de Jorge Amado, com todo o encanto de sua prosa e o apaixonado ardor de cada uma das suas palavras. É um livro realmente do novo, falando de um mundo inteiramente diferente do nosso. Seu traço dominante é a verdade, a sinceridade, a esperança e o amor com que Jorge Amado o escreveu.

Livro de amor à terra onde nasce um homem novo e melhor, à terra do Socialismo, o livro é um instrumento da causa da Paz. A linguagem bela, e todavia simples, do grande escritor brasileiro, conta a milhares de pessoas — leitores do Brasil e do mundo — os fundamentos essenciais que fazem da União Soviética o primeiro baluarte da Paz. Conta dos anseios pacíficos dos povos soviéticos e dos povos das Democracias Populares. Seus capítulos, por isso mesmo, soam como um hino aos esforços em defesa da Paz, à construção e ao progresso. São palavras de amor à humanidade livre, que constrói e cria; palavras de confiança em suas forças, e nas forças de todos os homens, do mundo inteiro, que desejam dias felizes para os povos dos cinco continentes, que desejam Paz e liberdade. O MUNDO DA PAZ é um livro de confraternização, que leva as mãos do povo brasileiro às mãos de todos os povos — e notadamente àqueles que se colocam à frente da luta pela primeira causa da humanidade: a Paz.

Este livro, orgulho do Brasil, causou pânico ao governo do sr. Vargas. Imediatamente após o anúncio de sua publicação, os «guardiões da cultura», da Ordem Política e Social, no Distrito Federal, vasculharam as Livrarias e a Editora Vitória, apreendendo os exemplares de «O MUNDO DA PAZ». Desta forma, retomava o sr. Vargas seu antigo papel de carrasco da cultura, carcereiro de escritores e artistas que de fato representam o espírito, a inteligência e os sentimentos puros do nosso povo. Mas, além da apreensão do livro, também mais um processo foi movido contra Jorge Amado, pelo «crime» de ter escrito «O MUNDO DA PAZ». Ainda foram inclusos no processo os editores do livro.

Este atentado brutal à cultura brasileira mereceu os protestos dos escritores e intelectuais progressistas. Repudiaram o assalto policial, entre outros, o novelista Anibal Machado, Alvaro Moreyra e Graciliano Ramos. Na Bahia, entre outros expressou-se contra a apreensão de «O MUNDO DA PAZ», o poeta Arthur de Salles.

A resposta da intelectualidade progressista, e do nosso povo, à agressão do sr. Vargas à cultura nacional, foi um apoio caloroso a Jorge Amado, e uma procura redobrada do seu último livro, «O MUNDO DA PAZ». Em Salvador, onde chegaram apenas 200 exemplares do livro, em um único dia foram adquiridos todos eles.

SÓ APERTAR O BOTÃO

Tinha sido muito fácil. O piloto fizera-lhe sinal, e então, apertara o botão, uma, duas, três, quatro, cinco vezes, sobre os objetivos visados. Olhou para baixo e viu chamas e fumaça; um clarão ofuscante, que avermelhou o céu, e então negros rolos de fumaça, alastrando-se ao mesmo tempo em sentido vertical e horizontal, depois espichando-se para cima, mais tênue à medida que ia chegando mais alto, e que do negro passava ao cinza e do cinza ao branco. Nem as chaminés de todas as fábricas do mundo, trabalhando ao mesmo tempo, nem os altos fornos acesos de todas as usinas de aço, teriam produzido tanta fumaça. Porque era a fumaça de uma cidade inteira que se consumia.

O piloto olhou para trás, acenou com a cabeça e riu. Seus dentes fortes brilharam no rosto gordo. "Bom trabalho", foi o que o bombardeiro decifrou depois, em seus lábios que se arredondavam e esticavam articulando a frase, destacando claramente as palavras, para que ele as pudesse perceber de seu posto, por entre o ruído dos motores.

Sim. Bom trabalho. E o avião tornou a subir, sumiu no espaço.

De volta ao campo, abraços e risos. Grandes pancadas nas costas, denominações gaiatas, acompanhando uma, mais séria e pomposa: HERÓI. Mais tarde, uísque, anedotas, canções, e o velho piano gemendo blues na cantina.

Um herói? Um herói! Mas tinha sido tão fácil: apenas o dedo sobre o botão, uma, duas, cinco vezes. Tão fácil como abrir a bica da pia e fazer a água jorrar; como virar a maçaneta e ver a porta abrir-se, como ligar a chave de seu carro e botá-lo em movimento, como discar os números de seu telefone e ouvir, do outro lado, uma voz responder: "Alô". Fácil, mecânico. E agora, em seu peito, aquela

Conta de LIA CORRÊA DUTRA

medalha brilhando. Um herói. No entanto, a surpresa do ataque não provocara nem sequer reação. Não se tratava de um ponto estratégico, de uma cidade fortificada; era apenas uma cidade grande, provinciana, entregue aos seus quefazeres habituais de um dia de semana. No céu limpo, nem aviões de caça, nem tiros de barragens anti-aéreas. Fogo e fumaça. Bastante fogo para destruir a cidade inteira; bastante fumaça para borrar o azul do céu.

Passaram-se os meses, e, com eles, o pesadelo da guerra. Em seu coração, o orgulho de ter apressado o fim da guerra. Paz, agora, e sua cidade natal, e seu trabalho no escritório, e seu automóvel pelas ruas e estradas, cheio de pequenas, depois com uma única pequena, a que escolhera e amava, e seria sua esposa dentro em breve. E os garotos da vizinhança, chegando-se a ele e pedindo, de olhinhos brilhantes, belicosos: "Conta como era a guerra. Conta como era lá em cima, no ar. Conta como as bombas caíam". Contava, entremeando as narrativas de observações engraçadas, que faziam a garotada rir; de coisas fantásticas, que faziam a garotada sonhar, lábios entreabertos, olhos esbugalhados, mãos caídas e moles. Um perguntava: "E morria muita gente?" — Ria-se, gaiato, batia um tapinha na cabeça do pequeno, e afirmava: "Muita gente. Pencas de gente". Que gente? Inimigos ferozes, homens armados dos pés à cabeça, trazendo nas mãos metralhadoras, granadas ou lanças-chamas. Os meninos gostavam daquilo. Admiravam-no. Pencas de gente, de inimigos máus, tão máus quanto o gigante do Pequeno Polegar, quanto a feiticeira da casa feita de doces, de João e Maria

perdidos na floresta, quanto o Barba Azul que matara suas sete mulheres. Pediam também: "Mostra tua medalha". Ele mostrava. Abria o estojo, e lá, entre o veludo e o cetim, pendurada de uma fita de gurgurão, pendia a medalha. Deixava, às vezes, que os meninos a acariciassem de leve, com um respeito trêmulo na ponta dos dedos, um deslumbramento nos olhos límpidos. "Bota no peito" — pediam. E pendurava a medalha na lapela de seu casaco de trabalho ou no reverso do blusão caseiro. Os meninos achavam que ficava bem. Dizia-lhes: "Não, aqui não fica tão bem. Mas no uniforme era uma beleza. Vocês precisavam ter visto a medalha no peito do uniforme". — Então tirava-a, punha-a no estojo, fechava-o, guardava-o na gaveta de seu camiseiro. E esquecia-se daquilo tudo: a guerra, o avião, as bombas, o fogo, a fumaça, a medalha, a fama de herói.

Seu pensamento voltava às coisas quotidianas, que tinham formado sua vida nos anos anteriores à guerra, e que voltavam, agora, a constituir seu fundamento. Pensava no ramerrão do escritório, nos pequenos acontecimentos sem importância, na anedota que um colega lhe contara, na roupa que devia mandar ao tintureiro, no romance que estava lendo, nos sapatos que vira numa vitrina. Pensava na moça que escolhera e com quem iria casar. Pensava no lar que lhe daria, nos móveis de quarto, e na cor das paredes, e no tecido das cortinas, e nas flores que mandaria plantar no minúsculo jardimzinho. Pensamentos de paz.

Uma noite, propôs à noiva: "Vamos ao cinema".

Chegaram um pouco atrasados. Sentaram-se, e ele tomou a mão da moça entre as suas. A fita era movimentada, inconsequente, divertida. Riam-se, felizes,

(Continua na pág. 17)

de existir. O romance nos dará o nosso grande Jorge Amado novamente, com todo o seu incomparável talento, sua poesia, seu realismo; mas nos dará um Jorge Amado também novo, mais amadurecido e mais capacitado para erguer um verdadeiro monumento literário à luta revolucionária do seu povo.

A DESPEDIDA

Jorge ainda falou sobre os escritores na União Soviética. Falou sobre as suas condições de trabalho, e quanto recebem, e cada uma de suas palavras desmascaravam as vis calúnias dos escribas do imperialismo, mostrando que todas as facilidades existem, nos países do campo da paz, para as atividades dos escritores e artistas. Disse Jorge: «— A grande Revolução de Outubro libertou a inteligência dos balcões editoriais. Deu asas imensas ao pensamento e à criação artística. No entanto, embora o escritor soviético — e, agora, os das Democracias Populares, também — seja o único que vive no mundo plenamente, do seu trabalho literário, sua maior «sorte» não é esta. É ter consciência de que escreve para o seu povo, e de que é compreendido, amado, admirado. Eles, sim, conhecem a

verdadeira liberdade de criação». E o tempo passava, corria rápido no belo salão do Masarykova. Estávamos encantados com as maravilhosas revelações de Jorge, com o mundo novo, belo radioso que elas nos abriam, e com o fato de estarmos a palestrar com o grande romancista e o grande partidário da Paz, companheiro de Joliot Curie e Ilya Ehrenburg no Comité Mundial dos Partidários da Paz. Mas, era tarde: 3 horas da madrugada, embora ninguém sentisse sono! Continuaríamos a conversar, acordaríamos o dia para Praga, se Jorge não estivesse tão cheio de tarefas, tão assoberbado com os seus deveres no Comité Mundial. Ele nos alegou uma sessão, logo cedo, e nós o deixamos ir. Mas, antes de sair, novamente quis nos abraçar, e novamente voltou a nos lembrar quanto é necessário que a juventude redobre a sua luta contra a guerra. Jorge ainda nos disse quanto confiava em nosso povo — nosso povo que ele bem conhece e de quem é o grande escritor. «Somos um povo invencível. Sei que a nossa luta terminará com a vitória da paz e da liberdade».

Era uma noite de Praga, e ficamos na porta do Masarykova, até ver desaparecer nosso grande amigo, o romancista Jorge Amado.

O GRANDE SATIRICO GREGORIO DE MATTOS

POR
LUIS HENRIQUE
DIAS TAVARES

Em seu último número, SEIVA publicou o artigo "O Grande Satirico Gregorio de Mattos", do escritor Silvio Valente, que, desta forma, abriu o debate sobre a obra e a personalidade do poeta Gregorio de Mattos Guerra. Silvio Valente, em seu estudo, defendeu certos pontos de vista. O presente artigo, do nosso redator-chefe, como se verá pela sua leitura, já expõe outros pontos de vista, opostos aos de Silvio Valente. O autor procurou situar Gregorio de Mattos em seu tempo, chamando a atenção para a importância de sua poesia no legado cultural do passado brasileiro e para o exemplo de combatividade que ela expressa.

Com este segundo artigo, SEIVA continua o debate sobre Gregorio de Mattos Guerra.

Na literatura brasileira, entre os poetas e escritores do passado, soará sempre o timbre de voz altivo do grande satírico Gregório de Mattos Guerra.

É sugestivo o silêncio que acompanhou sua obra até muitos anos depois de morto, e é sugestiva a sensível linha de demarcação aberta, desde cedo, entre críticos e historiadores da literatura nacional que tentaram estudá-lo. O silêncio denotou temor e respeito; a sensível divisão em dois critérios de crítica revela os antagônicos pontos de vista e os princípios demarcantes de duas culturas em cada sociedade. Assim, todo estudo sobre Gregório de Mattos é polêmico. Para certos críticos e historiadores, Gregório de Mattos não passou de reles "plagiador" dos poetas espanhóis Quevedo e Lope de Vega, ou de um "canalha boêmio", ou de um "mau versejador", a quem o tempo se incumbiu de emudecer. Tais críticos e historiadores são daqueles que duma floresta enxergam somente os gravetos do chão e não percebem as árvores de grande porte, ou então são daqueles que conscientemente caluniam o melhor e o mais vivo na cultura de um povo. Mas, se sucede existirem duas críticas polêmicas para a poesia do satírico Gregório, é porque o grande brasileiro representou, também, em seu tempo, a cultura não dominante, a cultura inspirada pelas massas — cultura rebelde e creadora, cuja seiva vivificante é sempre u'a nova força em surgimento e ascensão.

Há que estudar o poeta Gregório de Mattos Guerra seguindo o caminho do grande crítico nacional Silvio Romero: como a de verdadeiro fundador da literatura brasileira. Nada contraria a justeza desta premissa. No século XVII — o século de Gregório — em verdade não existia, propriamente, uma Nação brasileira. Éramos uma Colônia, incipiente, martirizada, oprimida, escravocrata. Ao invés de unidade territorial, existiam agrupamentos de colonos, alguns destacados, como a Bahia, Pernambuco, e outros apenas iniciantes. Mas estes agrupamentos, que se uniam, a princípio, no único objetivo de arrancar as terras dos aborígenes, em seguida solidificaram sua união em torno da defesa das terras conquistadas, contra os piratas ingleses, franceses e holandeses, excursionadores do Atlântico.

É a época, no mundo, do recrudescimento desenfreado da acumulação do capital. Armados pela burguesia inglesa, francesa, holandesa e espanhola, navios deixavam os portos da Europa para se roubarem mutuamente, ou para roubarem os tesouros e as riquezas das populações aborígenes. Consequência destas pilhagens, a Europa recebia um afluxo de ouro considerável.

Quando Gregório de Mattos nasceu, uma destas empresas de pilhagem, a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, conseguira ocupar a Bahia. Os engenhos de açúcar foram pilhados, os armazéns limpos, as casas incendiadas. Ainda depois, quando os holandeses se retiraram, batidos pelos guerrilheiros, não

cessou a pilhagem e o devastamento da Colônia, — mas, desta vez, os pilhadores eram soldados espanhóis. É assim que a juventude do poeta Gregório de Mattos se passa, numa terra arrasada, secudida por uma crise e atemorizada com a possibilidade de novos ataques. Começava a se definir a divisão da sociedade colonial de então: de um lado estavam os governantes da coroa espanhola-portuguesa, os quais deixavam à sua sorte os colonos, suas famílias, seus bens, e do outro a massa que mais sofria com as condições criadas pelas excursões dos piratas e pelas próprias características de colônia da província bahiana — os escravos, os mestres artesãos, os pequenos lavradores, os soldados "mulatos". Algumas vezes, agitaram e sacudiram a colônia, saindo às ruas para exigirem o fim do pagamento de determinados tributos ou a queda de taxas extorsivas, que ainda mais agravavam a fome e a miséria na colônia pilhada e devastada. Deste modo, além da unidade para defesa da terra, surgiu, também, como fator comum aos diversos agrupamentos coloniais no Brasil, o mesmo ódio à opressão colonial espanhola-portuguesa, que os via roubados por estrangeiros e, todavia, ainda queria roubá-los através de tributos e taxas sobre o açúcar, o mel da cana, o fumo, o algodão.

Mas não é possível, verdadeiramente, falarmos em surgimento do sentimento nacional. Repetimos que ainda não existia uma nação brasileira, e sim agrupamentos coloniais unidos por fatores comuns. Estes fatores, entretanto, criavam, senão ainda um sentimento nacional, ao menos o sentimento anti-colonial, o caldo da revolta aos opressores portugueses. O grande mérito do poeta Gregório de Mattos está em que ele foi a voz altiva destes tempos, a voz em que falou o ódio dos escravos, dos mestres artesãos, dos lavradores e dos "mulatos", aos portugueses e aos nobres de fantoche; seu mérito consiste em ter pintado, com realismo, a sociedade colonial, carnavalesca imitação do feudalismo europeu, e consiste, ainda, em ter impresso em sua poesia os grandes ideais de liberdade e amor à Pátria.

Os méritos característicos do grande poeta não se encontram em nenhum outro de sua época. Ele se distinguiu diametralmente de todos, nas ações e na poesia. Enquanto o padre Antônio Vieira pregava em defesa dos interesses e da política dos jesuítas, Botelho de Oliveira e Rocha Pitta bajulavam os governantes e nobres portugueses, e Antônio de Sá sepultava-se na palavra, Gregório de Mattos percorria a cidade como um travador audacioso, cujos olhos eram rápidos para ver a opressão colonial e o ridículo de uma sociedade feudal escravocrata na época em que o feudalismo morria e a classe burguesa ascendia à dominação do mundo. Gregório tanto agia nos tribunais, defendendo brasileiros contra portugueses, não perdendo ocasião para ridicularizar os juizes venais, como satirizava em sua poesia as diversas facetas da sociedade

(Continua na pag. 18)

MENDEL OU LYSENKO?

Indiscutivelmente, duas concepções científicas se encontram, no momento, em conflito na biologia. Uma é a Genética Clássica, também conhecida como teoria mendelista-morganista, abrangendo um grande número de escolas e apresentando aspectos diferentes até certo ponto, embora com determinados atributos essenciais comuns. A outra é a teoria de Michurin-Lysenko ou michurinista-darwinista.

A primeira teoria impera em todos os meios oficiais científicos dos países capitalistas do mundo. A segunda, é defendida pela ciência da União Soviética, tendo à frente o agrônomo T. D. Lysenko. E a grande controvérsia se fundamenta em que os geneticistas-morganistas, embora formando grupos heterogêneos, são todos unânimes na afirmativa categórica de que «o meio externo não influe sobre o patrimônio hereditário, pelo menos nas condições normais», asseverando que toda tentativa neste particular implicaria num retorno grosseiro ao lamarquismo. Os michurinianos, ao contrário, «aceitam a possibilidade dessa influência como a única capaz de abrir ao homem novos horizontes na conquista da natureza». (1)

Mas vejamos, com mais detalhes, em que se alicerçam os princípios defendidos pelos mendelistas-morganistas.

Procurando explicar os fenômenos hereditários na biologia, «imaginou Weissman» ser a hereditariedade um fenômeno de continuidade biológica de alguma coisa através de gerações, a que chamou de plasma germinativo ou gens». (2) Segundo seu modo de ver, na plasma germinativo é, onde se encontram, em estado potencial, todas as virtualidades inatas da espécie, da raça, etc. Ele é imortal e a hereditariedade, assim, tem continuidade biológica, assegurando a repetição das formas vivas através das gerações que se sucedem.

Procurando completar seu raciocínio, desce Weissman até às raízes do plasma germinativo e explica que ele se origina de si mesmo. Encontra-se no tecido germinal. E buscando afastar a possibilidade de qualquer dúvida neste particular, acrescenta que o corpo do indivíduo provém do plasma germinativo ligado pela geração anterior. Todo indivíduo será o que for esse plasma. Como plasma, provém, sucessivamente, das gerações anteriores, as gerações que se sucedem vão repetindo umas às formas das outras: a última a forma da penúltima e assim por diante.

Para Weissman só existem «duas grandes categorias de matéria viva:

WLADIMIR GUIMARÃES

Pela segunda vez, o escritor e técnico, eng. Wladimir Guimarães, escreve, em SEIVA, sobre a palpitante questão da genética de Mitchurin. Desta vez, entretanto, como se verificará, defende Wladimir Guimarães pontos de vista opostos aos que defendera em seu artigo anterior. O autor mostra em que consiste a cisão básica e irreconciliável entre a genética mitchuriana e a morganista, defendidas, hoje, por um lado, pelos geneticistas soviéticos, tendo à frente Triffin Lysenko, e, do outro, por certos geneticistas dos Estados Unidos e da Inglaterra, tendo à frente Morgan e Julian Huxley.

Com este segundo artigo, SEIVA abre debate sobre o problema da Genética.

a substância hereditária, idioplasma ou plasma germinativo e a substância nutritiva, trofoplasma ou soma, também parte mortal do ser».

«Segundo Weissman — diz Lysenko — a substância hereditária não produz novas formas, não se desenvolve com o desenvolvimento do indivíduo, e não está sujeita a quaisquer modificações dependentes». Uma substância hereditária imortal independente das características qualitativas que acompanham o desenvolvimento do ser vivo, que dirige o corpo mortal mas não é produzido por este, eis a concepção de Weissman, francamente idealista, essencialmente mística e que ele disfarçou sob o neo-darwinismo». (3)

Não admitem, portanto, os mendelistas-morganistas, por estarem sob a influência da doutrina de Weissman, a possibilidade da influência do meio sobre o ser. Qualquer tentativa de prova, neste sentido, condenam como um retorno ao mecanicismo grosseiro de Lamarck da influência do meio exterior e não, verdadeiramente, como resultante da luta de opostos entre o ser e o ambiente. Nada valem para eles «os fenômenos de assimilação e desassimilação, a luta e a interpenetração da matéria viva e não viva que se processam no organismo como um todo dinâmico».

Os mendelistas-morganistas, dissociando completamente o plasma germinativo da soma, negam toda e qualquer participação do meio no processo de herança dos caracteres. O plasma germinativo, para eles, é imutável, insubstituível, inalterável e isento das influências ou transformações decorrentes das atividades da parte somática ou perecível do ser vivo. Assim, a

continuidade biológica do plasma germinativo é perfeita. Sendo matéria e vivendo em contacto íntimo com a somatoplasma que também é matéria, contudo se isola deste, não havendo entre ambos qualquer entrelaçamento, interreração ou troca de elementos de qualquer natureza... E, neste passo, até a mutação, que é uma variação brusca de substância hereditária e poderia contrariar o princípio da continuidade biológica, é aceita por eles como verdadeira mas de natureza indeterminada ou seja independente do ser vivo e de suas condições de vida.

Os biólogos soviéticos, porém, não fazendo ciência por imaginação, como Weissman, mas em contacto com as fazendas coletivas, plenos, por isto mesmo, de oportunidades para desenvolverem seus conhecimentos sobre a natureza dos seres vivos e as condições do solo, conduzidos por Michurin e Williams, retomaram a teoria de Darwin, alijaram-na de todos seus erros e defeitos e desenvolveram o que nela existia de verdadeiro, criando a ciência agro-biológica soviética que afirma ser a «hereditariedade dos caracteres adquiridos pelas plantas e pelos animais no processo de seu desenvolvimento não só possível como necessária» porque, com a prática desse sistema, fica estabelecida a maneira de regular a natureza dos organismos vegetais e animais, a maneira de alterá-las no sentido exigido para fins práticos, regulando as condições da vida, isto é, através dos meios fisiológicos como esclarece Lysenko.

A teoria mitchuriana, embora sem aceitar o absolutismo lamarquiano da influência do meio no fenômeno da hereditariedade, contudo não a nega sistematicamente como fazem os mendelistas-morganistas. Ao invés disto, a coloca em seu verdadeiro lugar, reconhecendo a natureza e o valor de sua ação. Neste particular, vale ser dito que Lysenko não afirma que a mudança da natureza dos organismos depende, exclusivamente, das condições ambientais. «Talvez — diz ele — as condições do ambiente não representem, no que se refere a modificações de tipos, sinão impulsos, algo assim como uma chispa que cai sobre a pólvora. A pólvora explode por sua própria composição interna, sendo a chispa apenas o impulso».

Não admitindo, também, que as causas das variações sejam indetermináveis, assevera Michurin que «não devemos esperar favores da natureza, nossa tarefa é arrancar dela esses favores. Com a intervenção do homem

(Continua na pag. 20)

A TERCEIRA NOITE DE GREVE

— POR —
ALINA PAIM

Era a terceira noite da greve. O piquete do velho Barros conversava junto aos caiotes da barricada. De quando em vez, chegavam aos ouvidos de Rita frases, palavras soltas e êsses fragmentos de conversa, trazidos pelo vento, aumentavam-lhe a certeza de que o homem recordava os velhos tempos, de que ele falava das greves de 17, da União 1.º de Maio, da banda Aliança Proletária e do fechamento da "23 de Agosto". Velho Barros conhecia tôdas as lutas do passado. Nos últimos trinta anos, não houve movimento em Cruzeiro sem que ele estivesse firme, ocupando seu posto entre os companheiros mais combativos.

Aquela hora, com a passagem do último noturno da Central, os curiosos se haviam dispersado. Apenas as grevistas permaneciam na linha e, mais adiante, os soldados vindos de Taubaté vigiavam o acampamento.

Começava a soprar um vento frio e sorrateiro. Nas luzes amarelas, pendentes da lona do acampamento, as mariposas se debatiam aflitas. Devagar, para não despertar o filho que descansava sobre os joelhos, Rita arrastou-se para melhor se brigar junto ao vagão. Era seu primeiro repouso desde o princípio da greve e, apesar do cansaço, seus olhos ardiam rebeldes ao sono.

Riso franco partiu do grupo junto à barricada.

Fitando os restos da fogueira do churrasco da meia-noite e ouvindo aquele riso, Rita lembrou-se da família. Velho Barros sempre fôra companheiro de seu pai. Onde estaria o pai naquele instante? Saber da greve das mulheres? Havia quase dois anos que não recebia dele uma carta, um simples recado. Em qualquer ponto do interior, onde o levara sua vida clandestina, estaria acompanhando os acontecimentos de Cruzeiro?

A família começara a espalhar-se com a morte de mãe Julieta. Mês depois, Mariana casara-se com um eletricitista e fôra viver em Campanha, levando os dois irmãos menores. Aos poucos, Juvêncio, Antonio e Miguel tomaram rumo. De sete irmãos, só ela ficara em Cruzeiro. Quando o pai fôra transferido, ela não o acompanhava porque naquele tempo já estava gostando de Aurélio. Se o casamento ia sair naqueles dias, não adiantava estar mudando de cidade.

Três anos sem a mãe em casa bastaram para retalhar a família. Parecia estar vendo mãe Julieta: mulher enérgica, de riso fácil, sabendo quando era preciso tomar decisão e quando era preciso cantar, meter uma flôr entre os cabelos crespos e marchar pelas ruas. Velho Barros a conhecera e não se cansava de referir passagens de sua vida em que ela mostrara coragem e sangue frio.

— Sua mãe era uma criatura de tino. Uma noite... Isso foi em 19, no fechamento da "União Operária 1.º de Maio". A polícia prendeu a diretoria e seu pai era o presidente. Pois bem, sua mãe soltou seu pai. Botou duas cidades no escuro, mas arrancou o companheiro da cadeia.

Quantas vezes ouvira essa história! Naquela época, ela era garota, não podia ter guardado lembrança do acontecimento, mas, de tanto escutar o velho Barros, sabia todos os pormenores daquela noite.

As horas corriam. Julieta, agoniada, procurava aquietar as crianças. Quando julgava que os meninos tinham adormecido, eles abriam os olhos para indagar se o pai já voltara. Não, aquilo não podia continuar, era preciso dar um jeito. De repente, Julieta se lembrou das luzes. Se as luzes apagassem... O marido era eletricitista, só ele entendia de luzes no lugar. Se

acontecasse alguma coisa... Julieta gritou pela vizinha. Quando a mulher acudiu, entregou-lhe os filhos, jogou o chale sobre os ombros e saiu. Foi procurar os ajudantes do marido, homens de confiança, dois lutadores provados. Explicou-lhes a idéia e eles compreenderam. Escondendo-se nas moitas, saltando cercas, fugindo de encontros, os homens avançaram três quilômetros. Trecho deserto. Enquanto um vigiava a estrada, o outro atirou o fio com os pesos sobre os cabos de alta tensão. Circuito. Campanha e Cruzeiro afundaram na escuridão. O telefone grita e o mêdo salta de uma cidade a outra. Que teria acontecido? Revolta? Princípio de greve? Os diretores da Rêde, da Bocaina e as autoridades, nas trevas de seus escritórios, começam a tremer. Eram poucos, muito poucos. Talvez até aquele instante não tivessem notado como era reduzido o seu grupo e fácil de ser dominado. Grita de novo o telefone. Descobriram alguma coisa? Greve? Revolta? Como podiam saber se estavam sós e no escuro! E se os operários estivessem tomando a cidade? Rapidamente poderiam subjugar-los e... vingar a "1.º de Maio". Luz! É preciso que a luz volte sem demora. Pálidos de terror, o delegado, o prefeito e o diretor da oficina da Rêde vão à cadeia, retirar o eletricitista. Ofereceram-lhe cavalo e escolta de doze homens. Compondo cortezias indagaram se é preciso mais alguma coisa.

Nessa altura da narrativa, velho Barros dominava o riso para continuar:

— Antes de ir desligar a chave, seu pai passou em casa e então sua mãe lhe contou o que tinha feito. Pra não descobrir a manobra de Julieta, Eugênio recusou o cavalo e a escolta. Pra não fazer suspeita disse que só precisava de um soldado. Escolheu o Barbosa, porque sabia que o Barbosa era dos nossos. Seu pai desligou a chave e mandou os ajudantes tocarem na frente para desimpedir os cabos de alta tensão. A luz voltou. Mulheres corajosas só naquele tempo. Mulher de operário não abandonava o companheiro na hora difícil.

Nesse momento, os olhos do velho Barros se acendiam, piscavam, despedindo clarões como se fossem duas estrelas vivas, no rosto cheio de rugas.

— Pra tirar o companheiro da cadeia, sua mãe jogou duas cidades na escuridão. Campanha e Cruzeiro. Naquele tempo as mulheres tinham tino, tino e coragem.

Rita agasalhou a criança, alisou-lhe os cabelos, afastando-os da testa. Sorriu de leve e pensou como se estivesse respondendo ao amigo: "Também, agora, as mulheres sabem combater. Se naquele tempo elas não abandonavam os companheiros, agora fazem muito mais, vão com os filhos parar os trens, tomar o telégrafo, levantar barricadas. Fazem, elas mesmas, uma greve. Greve das mulheres!"

Rita sorriu de novo, um sorriso mais aberto e definido. A seus olhos, a locomotiva imóvel dentro da barricada deixou de ser fria e silenciosa. Aquela máquina, cativa, representava muito, fôra tomada com decisão e coragem. Ela estivera na primeira fila de mulheres e sabia que se o maquinista não tivesse freiado bruscamente, aquelas rodas bem podiam estar manchadas de sangue. O coração de Rita bateu mais forte e os olhos, macios de ternura, envolveram a máquina. Inda na véspera, ao repelir o provocador que viera dizer que sem bandeira nacional greve não tinha força, somente porque ouvira o prefeito dizer que não queria bandeira no acampamento, Rita tinha apontado a máquina gritando:

Dois Poemas Inéditos de Paul Eluard

(Tradução de SILVIO VALENTE)

PETRIFICAÇÃO DE UM POETA

DE UM POETA COMUM

Como a lã macio
E como a seda raro,
Fechou janelas e olhos
Para se ver mais claro.

Viu-se menor que um homem,
Viu-se maior que os deuses
Tanta vez sonhados
E ilusórios sempre.

Nenhum calor no sangue
E a cabeça mais vaga
Que a bolha de sabão
Depois que o sol a estala.

Julgou-se livre, então,
Dos outros homens livre.
E então voltou à terra,
Como o cadáver volta.

† A tradução destes dois poemas de Eluard, foi o último trabalho de SILVIO VALENTE, nosso colaborador, intelectual progressista bahiano, falecido há meses atrás. A primorosa tradução de Silvio Valente denota, por um lado, a honestidade que imprimia aos seus trabalhos de cultura, e, por outro, o entusiasmo com que recebeu a "difícil tarefa", como disse, de traduzir o grande poeta comunista francês.

Publicando esta tradução, SEIVA presta homenagem ao seu colaborador e amigo.

EXALTAÇÃO DE UM POETA

de WLADIMIR MAIAKOVSKY

Como a lã macio
E como a seda raro,
Tinha as mãos mais débeis
Que uma adolescente.

Como falava às crianças,
E aos homens simples ria!...
Era mais a inocência
Que as mães de brinquedo.

Enxergavam seus olhos
O que ninguém quer ver:
Abismos de cansaço
E a poeira da Morte.

Refletia a Ciência
E a ambição do Trabalho;
E as fases do combate,
Como a Esperança o guia.

Era o troar do canhão
Nas vitórias do povo;
E despenteava a vida
Para depois penteá-la.

Nas trevas, sobre a montanha,
Tinha a Justiça erguida!
Sabia rir ou chorar
Diante das cousas todas.

Domador sábio em carícias,
Sua ira fez tremer.
Deu, então, a própria carne
As balas dos inimigos.

Os inimigos morreram,
Mas ele nunca: está vivo!
No coração dos mais simples
Seu sangue faz mais um giro:

O giro da humanidade.

— Ali está nossa bandeira. Aquela máquina é a bandeira da greve.

Fôra depois de ter posto o provocador fôra da estação que elas levantaram a barricada. Dentro do acampamento só havia lugar para as grevistas e sua bandeira.

Um dia, muito longe desta noite, Rita levava uma bandeira pelas ruas de Cruzeiro. Ela era criança, tinha sete anos, mas ainda se lembrava. Fôra na passeata do 1.º de Maio de 21. Uma semana antes, a mãe comprara chita vermelha de ramagens e uma alpercata encarnada. Na vizinhança havia reboleiro como se preparassem festa. E era festa, a mãe confirmou quando reuniu as crianças para ensaiar os hinos:

— Primeiro de Maio é a festa dos operários e vocês vão decorar os hinos.

A família era pequena, só havia Mariana, Juvêncio e ela. Juvêncio estava com quatro anos. Enquanto a mãe costurava, eles foram cantando, repetindo muitas vezes os versos mais difíceis, até não haver enganos.

Amanhecera o 1.º de Maio. Muito cedo começou o movimento, escuro ainda, estalaram as bombas. Depois as portas foram se abrindo e as casas ficando vazias e silenciosas. Faceira, com o vestido novo e a alpercatinha encarnada, ela desfilava com os homens e mulheres que cantavam. Como as outras crianças, também agitou sua bandeira vermelha. E como cantaram!

Rita olhou as companheiras que dormiam sob o tódo de lona. Muitas daquelas mulheres tinham cantado naquele 1.º de Maio. Lica, Felisberta, Aparecida, Joana e Marta talvez

tivessem vestido roupa nova naquela manhã e ensaiado hinos na cozinha de chão batido.

O vento continuava soprando e, do lado das serras, o céu começa a tingir-se, um rosa indeciso rompendo o cinza. Rita cerra as pálpebras e tem a impressão de que os hinos cantados há tanto tempo continuam vivos nas ruas de Cruzeiro. Se apurasse o ouvido, talvez escutasse a voz de sua mãe, forte, quente, lançando como desafio os versos da "Marselhesa de Fogo" e da "Internacional".

Como sua mãe gostava da "Internacional"! Antes de morrer, seu último pedido fôra que cantassem a "Internacional" quando jogassem terra sobre seu caixão. E sua vontade foi cumprida. De olhos sécos e voz firme, seu companheiro zelara pelo seu derradeiro desejo. Os torrões caindo sobre o caixão, envolto na bandeira vermelha, foram abafados pelo canto. Não houve choro, a "Internacional" não pede lágrimas. Houve sim, desafio, compromisso de luta.

Rita apertou, de encontro ao peito, a cabeça do filho adormecido, seu coração treme, o sangue rolando mais rápido nas veias. A luta continuava desde meninas. A luta continuaria, sempre, porque seus filhos também estavam aprendendo. Eles dormiam naquele instante num acampamento de greve, à sombra da locomotiva conquistada com bravura dentro da barricada.

No céu, o rosa, mais nítido misturava-se com o ouro. As serras, a custo, continuam retendo o sol. Começa o quarto dia de greve.

(Trecho de romance em preparo)

Dois Heróis da Juventude

por
**JOSÉ
GORENDER**

O histórico Manifesto lançado em Agosto do ano passado pela União da Juventude Comunista restabelece, em toda a sua grandeza histórica, as figuras gloriosas de dois jovens heróis das lutas emancipadoras de nosso povo: Lucas Dantas e Manoel Faustino dos Santos Lira, enforcados na Bahia, em 1798, por lutarem pela independência da Pátria.

A história dos jovens soldados e alfaiates que, em 1798, ergueram na Bahia a bandeira da independência e da República, ainda está por ser estudada. Os historiadores das classes dominantes sempre tiveram a preocupação de sabotar a memória dos heróis populares, de ocultar às gerações atuais os exemplos de luta de nossos antepassados. Servindo aos opressores de ontem como aos de hoje, procuraram sempre roubar ao povo suas tradições, seu passado, suas bandeiras de luta; às massas espoliadas e revoltadas, que se erguem contra a tirania num ímpeto crescente, sempre tentaram, inutilmente, esconder o fato de que o nosso povo sempre lutou contra a opressão: desde os primórdios de nossa história, as generosas idéias de liberdade e independência sempre encontraram terreno fértil entre os brasileiros, dando a simples homens do povo a estatura de gigantes, criando exemplos de bravura e dedicação que iluminam aos combatentes de hoje.

Eis o que explica o silêncio de quase dois séculos, em torno a Lucas Dantas e Manoel Faustino dos Santos Lira. De suas vidas, pouco se sabe, além dos fatos que marcaram sua participação na Conjuração dos Alfaiates em 1798; poucos meses, apenas, nas vidas de dois brasileiros, o suficiente, entretanto, para gravá-los na galeria imortaldade de nossos heróis. Ambos eram jovens filhos do povo; entretanto, apesar de sua juventude — ou justamente por causa dela — foram dos mais ativos conspiradores, colocaram-se entre os verdadeiros cabeças da conspiração. Lucas Dantas de Amorim Torres, com 24 anos de idade, era soldado do Regimento pago de Artilharia, e Manoel Faustino dos Santos Lira, com apenas 17 anos — um adolescente, ainda — era alfaiate de profissão. Homens do povo, eles se fizeram intérpretes da crescente revolta que lavrava em toda a província, contra a opressão do colonizador português, puseram-se à frente dos protestos, muitas vezes transformando-os em explosões revolucionárias, contra a situação de fome intolerável em que se encontravam as massas populares de soldados, artesãos, escravos, etc. Alentados pelas idéias liberais trazidas nos poucos livros dos «enciclopedistas» que aqui chegavam, e pelas notícias da Revolução Francesa vitoriosa, os conjurados de 1798 ergueram a bandeira da abolição e da República, lutando por uma «República Bahiense» onde houvesse liberdade para todos.

Não é propósito deste artigo estudar a insurreição bahiana de 1798, o que terá de ser feito em futuro próximo. Pretendemos, apenas, erguer nossa homenagem a dois jovens bahianos, que souberam lutar e morrer pela independência da Pátria, — por uma causa que ainda é a nossa, — e cujos nomes constituem bandeiras de luta que a juventude brasileira empunha orgulhosamente. Na preparação clandestina do movimento — nos cárceres e frente aos tribunais da coroa luzitana, eles mantiveram até o fim sua dignidade revolucionária. A decisão precipitada dos conjurados, de libertar ao soldado Luiz Gonzaga das Virgens,

autor dos célebres «papeis sediciosos», fizera fracassar a conspiração. Abatera-se sobre a cabeça dos bahianos que ansiavam pela emancipação a vingança rancorosa do rei português. Ante a ferocidade brutal da perseguição, verdadeira caçada humana contra todos aqueles que professavam idéias de liberdade e tinham a coragem de expô-las, Lucas Dantas e Manoel Faustino dos Santos Lira, visando evitar a prisão e continuar avivando o fogo da revolta, fugiram juntos para o interior do recôncavo bahiano. Documentos da época dão conta da resistência heróica oposta aos esbirros portugueses, ao serem presos no chamado Engenho da Pedra. Lucas Dantas foi trazido para Salvador, inconsciente, um braço fraturado e gravemente ferido na cabeça. Mesmo assim, e conhecendo de antemão o destino que o aguardava, soube erguer-se ante os juizes do colonizador luzitano, ferido mas inquebrantável, símbolo de um povo que jamais se deixou acorrentar. E os demais conspiradores presos não lhe ficaram atrás, na altivez e na bravura.

A ameaça do patíbulo não os dobrou. De acusados transformaram-se em acusadores, lançando a ignomínia da opressão à face de seus opressores. Em um dos interrogatórios a que o submeteram, Lucas Dantas afirmava, altivamente: «Queremos a República para respirar livremente, pois vivemos sujeitos, e por sermos pardos, não somos admitidos a acesso algum, e sendo República há igualdade para todos». Reafirmaram sua fidelidade aos seus princípios, fazendo dos depoimentos um brado de confiança na vitória final de sua causa, pela independência, a abolição dos escravos e a República.

Numerosos são os exemplos de fidelidade revolucionária oferecidos pelos militantes comunistas nestes últimos 30 anos, exemplos comoventes de resistência às piores torturas, de desprezo à morte, de ilimitada confiança na vitória final. Os inconfindentes de 1798 foram dignos precursores dos combatentes revolucionários que hoje prosseguem a sua luta.

Quatro foram os conspiradores condenados à morte: Lucas Dantas, Manoel Faustino dos Santos Lira, e mais, o alfaiate João de Deus e o soldado Luiz Gonzaga das Virgens. No dia marcado para a execução, 8 de Novembro de 1798, os portugueses residentes na Bahia tentaram dar um caráter festivo à cidade, ornamentando suas casas, trazendo suas melhores roupas. Entretanto, por trás dessa máscara de sinistra arrogância, temiam que a surda revolta popular explodisse como um vulcão; da prisão do Aljube (hoje Carmo) até ao largo da Piedade, soldados portugueses foram postados, em fileiras continuas, e em torno às forcas erguidas na Piedade, as tropas portuguesas formavam em quadriláteros compactos. Nesse dia, os quatro condenados à morte eram, talvez, os únicos que enfrentavam a sua situação com firme segurança. Já no largo da Piedade, quando um oficial português, lendo os autos da sentença, chamou o alfaiate João de Deus de «execrável réu», protestaram em altos brados, afirmando

(Conclue na página 18)

«DA PRÁTICA»

A LIGAÇÃO ENTRE O
CONHECIMENTO E A
PRÁTICA — A LI-
GAÇÃO ENTRE O
CONHECIMENTO
E A AÇÃO



O materialismo pré-marxista considerava o processo do conhecimento, independente da sociedade humana, separando-o do desenvolvimento histórico da sociedade; não podia o materialismo pré-marxista compreender a ligação recíproca entre o processo do conhecimento de um lado, e de outro, a produção e a luta de classe.

Os marxistas consideram, acima de tudo, ser a atividade de produção a forma fundamental da atividade prática, a que determina todas as outras formas de atividade. Em seus conhecimentos, os homens dependem principalmente da atividade material de produção; aprendem a pouco e pouco a compreender os fenômenos da natureza, seu caráter, suas leis, e as relações do homem com a natureza; ao mesmo tempo, através da atividade de produção, aprendem também a conhecer, pouco a pouco, de modo diverso, as relações mútuas existentes entre os homens. Todos estes conhecimentos não podem ser adquiridos senão pela sua ligação com a atividade de produção. Em uma sociedade sem classes, onde cada homem interviesse apenas como membro da sociedade, ao lado de outros membros da sociedade, os esforços comuns criariam determinadas relações de produção, realizariam uma atividades de produção orientada para a solução dos problemas criados pela vida material dos homens. E, nas diferentes sociedades de classes, os membros dessas sociedades criam igualmente, sob formas diferentes, determinadas relações de produção, realizam uma atividade de produção orientada para a solução dos problemas criados pela vida material dos homens. Esta é a fonte fundamental do desenvolvimento dos conhecimentos humanos.

A prática social, dos homens não se limita apenas à atividade de produção; ela se reveste, ainda, de outras formas: a luta de classes, a vida política, a atividade científica e artística; logo, os homens exercem suas atividades em todas as esferas da vida social prática. Isto porque, em seus conhecimentos, o homem penetra de maneira diferente na vida material, nas diferentes relações entre os homens, no processo da vida política e cultural (que está estreitamente ligado à vida material). As diferentes formas da luta de classes exercem uma influência particularmente profunda sobre o desenvolvimento dos conhecimentos humanos. Na

sociedade de classes, cada homem tem uma situação de classe determinada, e toda ideologia tem um caráter de classe.

Os marxistas consideram que a atividade de produção na sociedade humana desenvolve-se passo a passo, de graus inferiores a graus superiores, e assim sendo os conhecimentos humanos, tanto no que concerne ao mundo natural quanto à sociedade, se desenvolve, por sua vez, passo a passo, de graus inferiores ao multilateral. Durante um período histórico muito longo, os homens não podiam ter senão uma concepção unilateral da história da sociedade; causava isto, de um lado, a visão egoísta das classes exploradoras,

que deformavam constantemente a história da sociedade, e, de outro lado, a estreiteza da produção que limitava o horizonte dos homens. A compreensão histórica unilateral pelos homens do desenvolvimento da história da sociedade, e a transformação dos conhecimentos sociais em uma ciência (o que não é possível senão com o nível elevado do desenvolvimento das forças produtivas, quando aparece com a grande indústria o proletariado moderno), eis precisamente o que é a ciência marxista.

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA SOCIAL

Os marxistas consideram que só a prática social dos homens pode ser o critério verdadeiro dos conhecimentos humanos relativos ao mundo que nos cerca. Tal é a natureza das coisas: os conhecimentos não podem ser verificados senão no processo da prática social, (no processo da produção material, da luta de classes, da experimentação científica) pela obtenção de resultados que eles permitem selecionar. Se os homens se esforçam por obter sucesso em seu trabalho, isto é, obter resultados desejados, devem concordar, de modo absoluto, suas idéias com as leis regentes do mundo objetivo, fora do que estão condenados a cometer um erro na prática. Após um erro, os homens tiram lições do próprio erro, modificam suas idéias e tornam-nas acordes com as leis do mundo que nos envolve, fazendo assim do erro uma vitória; dizendo-se: "o erro é a medida dos triunfos" e "o erro é um ensinamento", exprime-se precisamente esta verdade. A

teoria do conhecimento do materialismo dialético põe a prática em primeiro plano, considerando que os conhecimentos humanos não podem ser de modo algum separados da prática, em luta contra todas as teorias errôneas que negam a importância da prática e toleram a separação entre os conhecimentos e a prática. Lenine dizia: "a prática é superior ao conhecimento (teórico), porque tem não somente o mérito da generalidade, mas também o da realidade concreta". (1)

A filosofia marxista, o materialismo dialético, apresenta duas particularidades dominantes: a primeira é seu caráter de classe (reconhece abertamente que o materialismo dialético serve ao proletariado); a segunda é sua prática (afirma que a teoria e a prática são interdependentes, e que a prática é a base da teoria, que, por sua vez, serve à prática). A verdade dos conhecimentos ou da teoria não é definida em função da natureza das sensações subjetivas, porém em função dos resultados da prática social objetiva. O critério da verdade não pode ser senão a prática social. O ponto de vista da prática deve ser o ponto de vista primeiro e fundamental da teoria do conhecimento do materialismo dialético. (2)

De que maneira os conhecimentos humanos nascem da prática e servem novamente à prática? Para compreendê-lo basta estudar o processo de desenvolvimento dos conhecimentos.

O GRAU EMOCIONAL E O GRAU RACIONAL DO CONHECIMENTO

No primeiro estágio, os homens não viam no processo da prática senão certos aspectos particulares sob os quais aparecem os fatos particulares no curso do seu desenvolvimento; viam os aspectos particulares dos fatos, viam a ligação externa entre fatos particulares. Por exemplo, as pessoas que chegam a Yenan para fazer um inquérito, vêem, durante o primeiro e segundo dias, a região, as ruas, as casas de Yenan; tomam contacto com numerosas pessoas; participam de recepções, saraus, reuniões, percebem diferentes investigações, lêem diversos documentos — tudo isto constitui a aparência das coisas, seus aspectos particulares e a ligação externa entre elas. Isto se chama grau emocional do conhecimento, isto é, a fase das sensações e impressões. Significa, que diferentes coisas em Yenan agiram sobre os órgãos sensoriais destes observadores, neles provocaram sensações, ou melhor, uma série de impressões e uma ligação geral externa entre estas impressões surgiu em sua consciência — tal é o primeiro grau do conhecimento. Neste grau os homens não podem ainda elaborar conceitos aprofundados e nem tirar conclusões lógicas.

A continuação da prática social cria na prática dos homens a repetição múltipla dos objetos percebidos por seus sentidos e que produziram sobre eles um efeito; em consequência, se produz na mente do homem uma transformação do processo do conhecimento, e então nasce o conceito. A par de sua natureza, o conceito não reflete somente a aparência das coisas, seus aspectos particulares, sua ligação externa, porém representa a assimilação da natureza dos objetos, do que têm de comum, de sua ligação interna. Há, entre o conceito e a sensação uma diferença não somente quantitativa, mas qualitativa. O seu desenvolvimento ulterior nesta direção, o emprego de métodos de julgamento e dedução, podem conduzir a conclusões lógicas. O que se diz na "notícia dos três reinados": "si se tem

franzida a testa, os pensamentos nascem no coração", e a maneira corrente de dizer-se: "deixa-me pensar" — correspondem precisamente ao momento em que o espírito humano emprega os conceitos para o julgamento e a dedução. Este é o segundo grau do conhecimento. Os senhores do grupo de observadores que hipoteticamente vieram até nós, depois de haver recolhido diversos materiais e refletido, podem fazer o julgamento seguinte: a política de frente nacional, unida e anti-japonesa praticada pelo partido comunista, é consequente, sincera e real.

Se, fazendo este julgamento, fossem também partidários da união e da salvação nacional, chegariam à conclusão seguinte: "a frente nacional, unida e anti-japonesa praticada pelo partido comunista pode levar à vitória". Este grau do conhecimento, do julgamento e da dedução, representa, no processo do conhecimento das coisas pelos homens, um grau ainda mais importante: o grau do conhecimento racional. A missão verdadeira do conhecimento é esclarecer progressivamente pelo pensamento, através das sensações, as contradições internas das coisas objetivamente existentes, esclarecer suas leis, mostrar a ligação interna entre tal e tal processos, isto é, atingir o conhecimento lógico.

A JUVENTUDE LIVRE DA CHINA POPULAR



Repetimos: o conhecimento lógico difere do conhecimento sensível (emocional) porque o conhecimento emocional abrange apenas aspectos particulares do fenômeno, a ligação externa das coisas, enquanto que o conhecimento lógico, dando à frente um passo imenso, vislumbra o que os fatos têm de comum, abrange a totalidade e a essência das coisas e sua ligação interna, conduz à descoberta das contradições internas do meio ambiente, e pode assim assimilar seu desenvolvimento em sua totalidade e com toda a multiplicidade de suas ligações internas.

Tal teoria materialista e dialética do desenvolvimento do conhecimento, baseada na prática e sobre o movimento do simples ao complexo, não fôra formulado por ninguém antes do marxismo. O materialismo marxista forneceu a primeira solução justa a esta questão, mostrou de modo materialista e dialético, o movimento de aprofundamento dos conhecimentos, mostrou o movimento progressivo que vai das percepções sensíveis ao conhecimento racional dos homens em sua prática complexa e continuamente repetida da produção e da luta de classes. Lenine dizia: "o conceito abstrato da matéria, da lei da natureza, o conceito abstrato do valor, etc, em uma palavra, todas as abstrações científicas (isto é, justas, sérias e não arbitrárias) refletem a natureza de um modo mais profundo, mais justo, mais completo". (3)

CONTACTO NECESSÁRIO COM A REALIDADE

O marxismo-leninismo considera que o caráter específico dos dois graus no processo do conhecimento está em que, no grau inferior, o conhecimento se exprime na sensação, e no grau superior se exprime na lógica, ao tempo em que, cada um deles é apenas uma etapa no processo único do conhecimento. As sensações (a percepção sensível) e a compreensão racional diferem por sua natureza; não se saberia contudo separá-las uma da outra desde quando se unem sobre a base da prática. Nossa prática atesta que não podemos compreender imediatamente as coisas percebidas pelos nossos sentidos, e que, não é senão depois de terem sido compreendidas, que as coisas podem ser ainda mais profundamente percebidas pelos sentidos. A sensação não pode determinar senão a questão da presença do fenômeno; quanto à questão da sua natureza, não pode ser determinada senão pela compreensão. A solução desta questão não pode de modo algum ser separada da prática. O conhecimento por qualquer pessoa de qualquer fato é impossível sem que ele tenha contacto com este fato, sem que ele viva (sem que ele pratique) no ambiente deste fato. É impossível conhecer "a priori" as leis da so-

ciedade capitalista, enquanto se vive na sociedade feudal, isto é, sem ter surgido o capitalismo, sem existir a prática correspondente. O marxismo não podia ser produzido senão pela sociedade capitalista. Marx não podia, na época do capitalismo liberal, conhecer de antemão e concretamente certas leis particulares à época do imperialismo, pois que o imperialismo, fase suprema do capitalismo, não havia ainda surgido e a prática correspondente não existia; somente Lenine e Stalin podiam realizar tal tarefa. Se Marx, Engels, Lenine e Stalin puderam formular sua teoria foi principalmente porque, além do seu gênio, eles participaram pessoalmente na sua época, da luta de classes e da prática da experimentação científica; sem esta última condição, todo o seu gênio não poderia conduzi-los ao triunfo.

A expressão: "O Sutsai (4) sem atravessar a soleira de sua porta, pode conhecer todos os problemas do Império Celeste", era uma frase vasia nos tempos antigos, tecnicamente atrasados; mas em nosso século tecnicamente adiantado, é talvez realizável, porém os verdadeiros sábios são os homens ligados à prática no Império Celeste. Em sua prática, esses homens adquirem "conhecimentos" que, por meio da escrita e da técnica, vêm ao "Sutsai"; após o que o "Sutsai" indiretamente, "os problemas do Celeste Império".

O conhecimento direto de tais ou quais fatos, requer uma participação pessoal na luta prática que está ligada à modificação da realidade, à modificação de tais ou quais fatos. A participação pessoal na luta prática ligada à modificação da realidade, dá apenas a possibilidade de descobrir e compreender a natureza de tal ou qual fato.

Este é o caminho do conhecimento, o caminho que realmente todo homem percorre. Encontram-se entretanto pessoas que, deformando voluntariamente a verdade, revelam uma tendência oposta. Os mais ridículos são os "eu sei tudo" que tendo ouvido de uma terceira pessoa, qualquer coisa de que não compreendem senão a metade, lançam os "exemplares únicos do Império Celeste". Eles não fazem senão demonstrar assim sua incapacidade de definir seus conhecimentos. A questão dos conhecimentos é a questão da ciência, que não tolera sequer a menor suspeita de falsidade e presunção e que exige exatamente o inverso, isto é, a honestidade e a modéstia. Si procurais adquirir conhecimentos, deveis participar da prática que modifica a realidade. Si quereis conhecer o gosto duma pêra, deveis pô-la na boca e mastigá-la. Si procurais conhecer a organização e a natureza do átomo, deveis realizar experiências físicas e químicas, modificar o meio atômico. Si quereis conhecer a teoria e o método da revolução, deveis dela participar. Todos os conhecimentos autênticos surgem da experimentação direta. Entretanto, o homem não pode experimentar, ele mesmo, todas as coisas; a maior parte dos conhecimentos é de fato, fruto da experiência indireta, isto é, a soma dos conhecimentos dos séculos passados e de países estrangeiros. Estes conhecimentos são o fruto da experiência direta dos povos antigos e dos estrangeiros; se a experiência direta dos povos antigos e dos estrangeiros está de acordo com as condições de que falava Lênine, referindo-se a abstração científica, se é o reflexo científico de coisas objetivamente existentes, estes conhecimentos são seguros; caso contrário, não podem sê-lo. Isto porque, os conhecimentos do homem são constituídos de duas partes: a experiência direta e a experiência indireta. O que é para mim experiência indireta, é, ao mesmo tempo, experiência direta para outros. Segue-se que, falando do conjunto de conhecimentos, pode-se dizer que nenhum conhecimento pode ser separado da experiência direta. A origem de todo conhecimento reside nas sensações relativas ao mundo objetivamente existente, fornecidas pelos órgãos físicos dos sentidos do homem; quem nega esta sensação, quem nega a experiência direta e a participação pessoal na prática transformadora da realidade, não é um materialista. Eis porque os "eu sei tudo" são de tal modo ridículos. Existe um velho provérbio chinês: "Como se pode caçar os filhotes dos tigres sem se penetrar no covil do tigre?" Vale este provérbio tanto para a prática dos homens como para a teoria do conhecimento. O conhecimento separado da prática é inconcebível.

ALGUNS EXEMPLOS DADOS PELA VIDA

Citemos alguns exemplos concretos para precisar a marcha do conhecimento materialista e dialético, nascido da prática da modificação da realidade, para precisar a marcha do aprofundamento progressivo dos conhecimentos.

No período inicial da prática, o período da destruição das máquinas e da luta espontânea, o proletariado não estava

ainda senão no primeiro grau de seu conhecimento da sociedade capitalista; ele não conhecia senão aspectos particulares e a ligação externa de diferentes fenômenos do capitalismo. Nesta época era o proletariado o que se chama "uma classe em si". Entretanto, quando veio o segundo período da prática do proletariado, o período da luta econômica e política, consciente e organizada, quando foi condensada por meio dos métodos científicos de Marx e Engels, a experiência tirada duma longa luta, quando foi criada a teoria marxista que educou o proletariado e trouxe assim a compreensão da natureza da sociedade capitalista, a compensação das relações das classes sociais, relações baseadas na exploração, na compreensão dos fins históricos do proletariado, então, ela tornou-se numa "classe para si".

Deu-se o mesmo no conhecimento do imperialismo pelo povo chinês. O primeiro grau foi o do conhecimento exterior, que se manifestou na luta comum contra os estrangeiros, quando do movimento dos Taipings e do movimento dos Boxers (5). Somente o segundo grau foi o do conhecimento racional, quando foram reveladas as diferentes contradições internas e externas do imperialismo, quando foi revelada a natureza da opressão das grandes massas populares chinesas pelo imperialismo, aliado aos compradores e proprietários latifundiários chineses; este conhecimento começou no período do "movimento de 4 de maio de 1919". (6)

Vejamos agora a guerra. Se aqueles que dirigem as guerras são pessoas sem suficiente experiência militar, não compreenderão, na primeira fase, as leis profundas que regem a conduta de uma guerra concreta (citemos para servir de exemplo nossa guerra de dez anos durante o período da revolução agrária). Na primeira fase não fizeram senão adquirir experiência pessoal em numerosos combates, muitos dos quais terminaram em derrotas para eles. Entretanto, esta experiência (a experiência das vitórias e sobretudo das derrotas) lhes fez compreender coisas de ordem interna, valiosas para a guerra em seu conjunto, quer dizer, as leis desta guerra concreta, a estratégia, a tática, e lhes pôs assim em condições de dirigir a guerra competentemente.

Si nesta época, fôsse confiado o comando a um homem sem experiência, não poderia ele compreender as leis reais da guerra senão depois de certas derrotas (depois de ter adquirido experiência).

Vemos às vezes certos camaradas hesitantes em aceitar determinado trabalho, declaram que não conseguirão concluí-lo com êxito. E por que não conseguirão atingir o fim desejado? Porque não têm uma visão racional do conteúdo e das condições deste trabalho, ou melhor, jamais efetuaram tal gênero de trabalho ou fizeram-no porém debilmente, não podendo pois falar das leis que regem um gênero de trabalho. Uma vez tenhamos analisado diante deles detalhadamente a situação geral e as condições do trabalho eles sentem que poderão afinal realizá-lo, exprimem o desejo de dele se encarregarem. Si após um certo tempo estes homens adquirem experiência em seu trabalho, e estudam assiduamente a situação geral em lugar de se contentarem com a visão subjetiva, unilateral, superficial, das coisas, poderão tirar conclusões sobre a maneira mais conveniente de prosseguir o trabalho e sua segurança no trabalho aumentará consideravelmente. Apenas as pessoas que têm uma visão subjetiva, unilateral e superficial das coisas,

pessoas que, chegadas em um novo lugar, não se interessam pela situação geral, não estudam o problema em seu conjunto (o histórico do trabalho e seu estado geral atual), que não se interessam pela natureza do trabalho (pela ligação interna dos diversos aspectos do próprio trabalho e pela ligação interna do trabalho considerando em relação a outros), que promulgam com auto suficiência decretos e ordens, somente essas pessoas estão condenadas a cometer erros.

Resultado do que precede, que o primeiro passo, no processo do conhecimento, consiste em estabelecer o contacto inicial com as circunstâncias do mundo exterior é o grau das sensações. O segundo passo consiste em fazer a soma dos materiais fornecidos pela percepção sensível, pô-los em ordem e reorganizá-los; é o grau do conceito, do julgamento, da dedução. Apenas a existência de dados plenamente suficientes fornecidos pela percepção sensível de dados disparatados e incompletos e sua conformidade com a situação real (e não com uma percepção errônea) permitem elaborar, baseados nestes dados, um conceito justo e uma lógica.

O MARXISMO NÃO É NEM "RACIONALISMO" NEM "EMPIRISMO"

Há dois momentos em que é necessário anotar tudo de modo particular. O primeiro já foi examinado acima, porém é preciso voltar ainda ao que foi dito; trata-se da dependência do conhecimento racional para com a percepção sensível. Aquele que considera que o conhecimento racional não provém da percepção sensível é um idealista.

A história da filosofia tem conhecido "racionalistas" que não reconhecem senão a realidade da razão, que negam a realidade da experiência, que consideram certa apenas a razão, e não a experiência, da percepção sensível; os erros desta orientação residem na tentativa de subordinar os fatos ao pensamento.

A segurança do princípio racional decorre precisamente da percepção sensível; em caso contrário, o princípio racional tornar-se-ia uma fonte sem nascente, uma árvore sem raízes, transformar-se-ia em não sei o que de frágil, de puramente subjetivo por sua origem. Do ponto de vista do desenvolvimento do processo do conhecimento, a experiência sensível está em primeiro lugar, e destacamos a importância da prática social no processo do conhecimento: só a prática social pode estar na origem do processo do conhecimento humano, somente ela pode estar na origem da experiência da percepção sensível, a partir do mundo exterior objetivamente existente. Para um homem cego e surdo, completamente isolado do mundo exterior objetivamente existente não pode haver questão de conhecimento. O conhecimento começa pela experiência; esta é a concepção materialista da teoria do conhecimento.

O segundo momento corresponde ao aprofundamento do conhecimento, à necessidade da passagem da fase emocional à fase racional do conhecimento: tal é a dialética da teoria do conhecimento (7). Si considerarmos que o conhecimento pode parar no estágio inferior, no grau emocional, julgando que apenas as percepções sensíveis são certas e que o conhecimento racional é incerto, repetem-se os erros bem conhecidos na história do "empirismo". Os erros desta teoria consistem em conhecer mau o fato de que, si os dados da percepção sensível são indiscutivelmente o reflexo das realidades do mundo exterior existentes objetivamente (não falo aqui do empirismo pu-

ramente idealista com sua experiência do reflexo interior), estes dados não ficam menos unilaterais e superficiais, o que faz com que o reflexo obtido seja incompleto, não reflita a natureza do fato.

Para um reflexo completo do fato inteiro, da essência do fato, das suas leis internas, é necessária a intervenção do pensamento, a elaboração dos ricos dados da percepção sensível, que consiste em separar o joio do trigo, a eliminar o errôneo e conservar o real, a passar de um a outro, do externo ao interno; para construir um sistema de conceitos e teorias, é preciso necessariamente um avanço, das sensações (conhecimento emocional) ao conhecimento racional. Este conhecimento elaborado, não é mais um conhecimento ôco, incerto, é ao contrário, como o diz Lenine, um conhecimento ainda mais profundo, ainda mais fiel, que reflete ainda mais completamente a coisa objetivamente existente, contanto que este conhecimento seja um produto cientificamente elaborado no processo do conhecimento com base na prática. Bem outra é a atitude dos "práticos" vulgares; eles se inclinam ante a experiência, menosprezando a teoria, e em vista disto, não podem vislumbrar o processo objetivo em seu conjunto, não têm uma orientação clara, estão privados duma larga perspectiva, e rejubilam-se com auto-suficiência dos seus sucessos isolados e seu horizonte limitado. Si estas pessoas dirigissem a revolução fariam-na esbarrar no impasse.

O conhecimento racional depende das sensações, do conhecimento emocional, o conhecimento emocional deve evoluir para o conhecimento racional; esta é a teoria do conhecimento do materialismo dialético. O "racionalismo" e o "empirismo" em filosofia, não compreendem o caráter histórico e dialético do conhecimento, e, si bem que, cada uma destas orientações contenham verdades unilaterais, (falo do racionalismo e do empirismo materialista e não do racionalismo e do empirismo idealistas), sua teoria do conhecimento é falsa em seu conjunto.

A marcha do conhecimento, das sensações para a razão, tal como a concebe o materialismo dialético, permanece idêntico, tanto no pequeno processo do conhecimento (por exemplo o conhecimento de um objeto qualquer ou de um trabalho qualquer) como no grande processo do conhecimento (por exemplo o conhecimento da sociedade ou da revolução).

DOS CONHECIMENTO DAS LEIS OBJETIVAS À AÇÃO REVOLUCIONÁRIA

No entanto, a marcha do conhecimento não se detém aí. Se a marcha do conhecimento tal como o concebe o materialismo dialético, se detivesse no conhecimento racional, teria resolvido apenas metade do problema. E ainda mais, do ponto de vista da filosofia marxista, esta metade não seria a mais importante. A filosofia marxista considera que a questão mais importante não é, uma vez compreendidas as leis do mundo objetivo, poder em seguida explicar o mundo, porém utilizar este conhecimento das leis objetivas para uma transformação ativa do mundo. O marxismo reconhece o papel ativo da teoria, da qual a importância está plenamente clara no seguinte princípio de Lenine: "sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário" (8). Mas, si o marxismo dá grande importância à teoria, é precisamente e somente porque a teoria pode orientar a ação. Si se tem uma teoria certa, porém transformam-na em vão palpavório sobre seu objetivo, ou trancam-

na sob sete chaves, si não a realizam na prática, esta teoria, por excelente que seja, jamais terá importância. O conhecimento começa pela prática; é através da prática que se adquire o conhecimento teórico que deve em seguida retornar à prática. O papel ativo do conhecimento não encontra somente sua expressão na passagem ativa do conhecimento emocional ao conhecimento racional; o mais importante é que ele se possa exprimir em nova passagem, do conhecimento racional à prática revolucionária. O conhecimento que assimilou as leis do mundo deve ser novamente orientado para a prática da transformação do mundo, deve ser utilizado na prática da produção, na prática da luta de classes da luta nacional revolucionária, tal como na prática da experimentação científica.

Como foi dito acima, a questão de saber si uma tese teórica está acorde com a realidade objetiva, não se resolve completamente e não pode ser completamente resolvida, na marcha do conhecimento que conduz da percepção sensível à razão. Para resolver completamente esta questão é necessário fazer voltar o conhecimento racional à prática social, aplicar a teoria à prática, observando se esta pode conduzir ao resultado desejado. Numerosas teorias das ciências naturais chamam-se verdades, precisamente não porque essas teorias foram apenas descobertas pelos naturalistas, mas porque foram confirmadas na prática científica posterior.

Si o marxismo-leninismo tomou o nome de verdade, é não somente porque esta doutrina foi cientificamente criada por Marx, Engels, Lenine e Stalin, mas também porque foi confirmada pela prática posterior da luta de classes e da luta nacional revolucionária. Si o materialismo dialético tornou-se uma verdade universal, é porque a prática, de não importa que homem, não pode extravasar de seus limites.

A história do conhecimento humano nos ensina que numerosas teorias não foram suficientemente certas, porém a verificação na prática permitiu eliminar seus defeitos. Numerosas teorias eram erradas, mas a verificação na prática permitiu corrigir seus erros. É precisamente por isto, que a prática é o critério da verdade, que "o ponto de vista da vida, da prática, deve ser o ponto de vista primeiro e fundamental da teoria do conhecimento" (9). Há sobre isso uma fórmula notável de Stalin: "Evidentemente, a teoria torna-se sem objetivo se não está ligada à prática revolucionária, do mesmo modo que a prática torna-se cega se não ilumina seu caminho com a teoria revolucionária".

A VERIFICAÇÃO DAS TEORIAS PELA PRÁTICA

A marcha do conhecimento termina aí? Respondemos: termina e ao mesmo tempo não termina. Quando os homens são lançados na prática da modificação que se opera em um processo objetivo determinado, em um grau determinado de desenvolvimento (pouco importa que se trate da prática da modificação de um processo natural ou de um processo social), o conhecimento se eleva graças ao reflexo do processo objetivo e à função subjetiva ativa, do princípio sensível à razão, e são criadas idéias, teorias, planos ou projetos — acordes, no conjunto, às leis do processo objetivo indicado; estas idéias, estas teorias, estes planos ou projetos são em seguida aplicados na prática deste mesmo processo objetivo, e, se o fim almejado é obtido, isto é, se as idéias, as teorias, os planos e os proje-

tos pré-determinados podem ser transformados em realidade, ou realizados em suas linhas gerais na prática do processo considerado, a marcha do conhecimento deste processo concreto pode ser dada como encerrada.

Por exemplo, a realização de um plano qualquer de construção, a confirmação de uma hipótese científica qualquer, a criação de um mecanismo, a manutenção de uma cultura qualquer para conhecer o processo da modificação da natureza, ou também a vitória de uma greve qualquer, uma vitória em uma guerra qualquer, o cumprimento dum plano de estudos qualquer para conhecer o processo da modificação da sociedade, tudo isto significa que o fim desejado foi atingido.

Entretanto, de um modo geral, acontece raramente na prática da modificação da natureza ou da sociedade, idéias, teorias, planos e projetos pré-determinados pelos homens, passam a vida sem a menor modificação. Deve-se isto ao fato dos homens que modificam a realidade sofrerem às vezes numerosas limitações; eles são limitados não somente pelas condições científicas e técnicas, mas também pelo desenvolvimento do processo objetivo e pela maneira como se exprime este último (nem todos os aspectos e a natureza do processo objetivo foram ainda trazidos à luz). Nestas condições a postura em dia, na prática, de circunstâncias precedentemente insuspeitáveis, produz às vezes modificações parciais das idéias, das teorias, dos planos e projetos e algumas vezes sua mudança completa.

Isto significa a existência de casos em que idéias, teorias, projetos e planos pré-determinados não estão de acordo, em parte ou no todo. Em certo número de casos não é senão depois de muitos erros que se vem a corrigir um conhecimento errado, ao se realizar a concordância com as leis do processo objetivo, e por conseguinte, a transformar assim, a coisa subjetiva em objetiva, isto é, a obter na prática os resultados desejados.

De modo que, neste momento, a marcha do conhecimento num processo objetivo determinado qualquer, em um grau determinado qualquer do seu desenvolvimento, é considerado como acabado.

No entanto, do ponto de vista do desenvolvimento do processo, a marcha do conhecimento não terminou. Não importa que processo, quer se refira ao domínio do mundo natural ou à sociedade, se realiza e se desenvolve a marcha do conhecimento humano. Si se toma por exemplo o movimento social, os dirigentes revolucionários autênticos, não devem apenas corrigir inteligentemente os erros nas suas idéias, suas teorias, seus planos e projetos como foi dito acima; devem também, quando um processo objetivo determinado passa de um grau determinado de desenvolvimento a um outro grau, integrar-se inteligentemente nesta mudança com seu conhecimento subjetivo, ao mesmo tempo que todos os participantes de revolução, quer dizer que eles devem estar atentos afim de que novos objetivos revolucionários, e os novos projetos de trabalho quando de sua fixação, correspondam às modificações da nova situação. As modificações, na situação do período revolucionário se produzem súbitamente, e se os conhecimentos dos revolucionários não se modificam com rapidez, de modo correspondente, será impossível conduzir a revolução à vitória.

Entretanto, acontece às vezes as idéias se retardarem com relação à realidade; provém este fato dos conhecimentos humanos serem limitados por numerosas condições sociais.

Nós lutamos contra os conservadores em nossas fileiras revolucionárias, porque sua ideologia não pode se desenvolver de acordo com a situação objetiva em constante modificação, o que se manifesta historicamente sob a forma do oportunismo de direita. Os conservadores não vêem que a luta dos contrários forçou um desenvolvimento do processo objetivo, enquanto seu conhecimento permaneceu no antigo nível. Estas particularidades caracterizam a ideologia de todos os conservadores. Sua ideologia está divorciada da prática social; não podem marchar na vanguarda do desenvolvimento da sociedade e desempenhar o papel de chefes, não fazem senão se arrastar no fim da fila e reclamar contra o movimento demasiado rápido da sociedade, que eles procuram retardar e fazer acompanhar os seus passos lentos.

Lutamos igualmente contra os "palradores de esquerda". As idéias destes ultrapassam os graus do desenvolvimento determinado do processo objetivo; certos fraseadores tomam as ilusões por verdades, alguns mesmo, tentam realizar hoje pela violência idéias que não são realizáveis senão no futuro; suas idéias separadas da prática contemporânea da maioria dos homens, afastada da realidade cotidiana, conduzem na ação ao aventureirismo.

VERDADE ABSOLUTA E VERDADE RELATIVA

O idealismo e o materialismo mecanicistas, o oportunismo e o aventureirismo são caracterizados pela solução de continuidade entre o subjetivo e o objetivo, porque o conhecimento é afastado da prática.

A teoria marxista-leninista do conhecimento, da qual o traço característico é a prática social científica, luta denodadamente contra estas ideologias errôneas. Os marxistas reconhecem que no processo geral e absoluto do desenvolvimento do universo, o desenvolvimento dos processos concretos particulares é relativo; dado que, o conhecimento da verdade absoluta se exprime no conhecimento de processos concretos em um grau determinado de desenvolvimento, o conhecimento não contém, em cada instante, senão verdades relativas.

Da soma de inumeráveis verdades relativas se constitui a verdade absoluta. O desenvolvimento do processo objetivo é um desenvolvimento cheio de contradições e de lutas. O desenvolvimento da marcha do conhecimento humano é por sua vez um desenvolvimento cheio de contradições e de lutas. Toda marcha dialética no mundo objetivo pode encontrar, cedo ou tarde, seu reflexo no conhecimento humano. Assim como o processo de nascimento, desenvolvimento e morte na prática social não tem fim, também o processo de nascimento, desenvolvimento e morte no conhecimento humano, não tem fim.

Orientada pela modificação da realidade objetiva, e baseada em idéias, teorias, planos e projetos determinados, a prática avança continuamente e o conhecimento humano da realidade objetiva, continuamente se aprofunda. A marcha das modificações é incessante, bem como o conhecimento pelos homens da verdade na prática.

O marxismo-leninismo não constitui obstáculo para o descobrimento da verdade; abre, ao contrário, e sem cessar, caminhos para o conhecimento da verdade na prática. Nossa conclusão é a seguinte: somos pela unidade histórica concreta do subjetivo e do objetivo, da teoria e da prática, dos conhecimentos e da ação, e

somos contra todas as ideologias errôneas "de esquerda" e "de direita", desligadas da história concreta.

Na época atual do desenvolvimento social, o proletariado e seu partido político, têm a responsabilidade histórica de um conhecimento exato da transformação do mundo. No mundo inteiro e na China, o processo prático de transformação do mundo, baseado no conhecimento científico, atingiu um momento histórico, um momento de enorme importância, sem precedentes na história da humanidade. Trata-se de dissipar completamente o mundo de trevas sobre toda a terra e na China, e transformá-lo num mundo radioso como jamais existiu em tempos passados.

A luta do proletariado e do povo revolucionário pela transformação do mundo, admite a realização das seguintes tarefas: transformação do mundo objetivo e também do mundo subjetivo de cada um, isto é, transformação das capacidades de conhecimento individuais, transformação da ligação entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo.

Sobre uma parte do globo terrestre, na União Soviética, estas transformações já estão em vias de realização. E o povo chinês e os povos do mundo, por sua vez são incorporados, ou o serão proxima-mente, no processo destas transformações. Aquilo que se chama o mundo objetivo em vias de transformação, inclui igualmente os inimigos das transformações. Claro está, que sua transformação deve passar por uma fase de constrangimento, depois da qual poderão atingir o grau da participação consciente. A época em que toda a humanidade abraçará a transformação consciente de si mesma e do mundo, marcará o advento do comunismo no mundo inteiro.

É através da prática que as verdades se descobrem, através da prática as ver-

dades se confirmam e se desenvolvem. Ela faz passar ativamente das sensações, das percepções sensíveis ao conhecimento racional, dêste à direção ativa da prática revolucionária, à transformação do mundo subjetivo e objetivo.

Da prática ao conhecimento, novamente à prática e novamente ao conhecimento, esta marcha é eterna na sua repetição cíclica, o conteúdo de cada ciclo da prática e do conhecimento se elevando relativamente ao ciclo precedente, a um nível superior.

Esta é, em seu conjunto, a teoria do conhecimento dialético da unidade dos conhecimentos e da ação.

(1) — V. Lenine: "Cadernos Filosóficos", pag. 185, Edição Russa.

(2) — V. Lenine: "Obras Completas", pag. 116, Edição Russa.

(3) — V. Lenine: "Cadernos Filosóficos", pag. 146, Edição Russa.

(4) — Sutsai: "Primeiro Grau Científico da antiga China".

(5) — Para o movimento dos Taiping (1850-1864) e o movimento dos Boxers (1900), ver "Estudos Soviéticos" n. 19.

(6) — O "Movimento de 4 de Maio" foi um movimento anti-imperialista, sobretudo anti-Japonês, que começou por uma demonstração de Estudantes em Pequim a 4 de Maio de 1919.

(7) — V. Lenine escreve: "Para compreender é preciso utilizar a compreensão, o estudo, empiricamente, e se elevar do empírico ao geral". "Cadernos Filosóficos" pag. 168, Edição Russa.

(8) — V. Lenine: "Obras Completas" pag. 380, Edição Russa.

(9) — V. Lenine: "Obras Completas" pag. 116, Edição Russa.

(10) — J. Stalin: "As questões do Leninismo", pag. 14, 11.ª Edição Russa.

(11) — V. Lenine: "Obras Completas", pag. 110, Edição Russa.

"Toda classe que desaparece da arena histórica, encontra-se em contradição com os interesses de seu povo. O povo, considerado historicamente, não é uniforme. Está dividido em classes; também sua cultura é de classe. Em determinadas condições, no entanto, as características da cultura nacional são traçadas pela classe dominante, com a qual se enfrenta a corrente cada vez mais pujante de uma cultura nova, e socialmente oposta, da classe oprimida. É por isto que no momento em que o desenvolvimento social impõe como vencedor uma classe nova, esta, não só destrói as velhas concepções ideológicas-artísticas, como vai em busca da histórica herança cultural do seu povo, fazendo sua a tradição progressista, e destruindo, ao contrário, o decadentismo da época de decadência. Por isso mesmo, na base da revalorização da velha cultura e sobre a de uma nova vida, e novas concepções ideológicas-artísticas, criam-se novos valores.

WLODZIMIERZ SOKORSKI — Vice-Ministro de Cultura e Arte da Polónia

«A humanidade não pode sucumbir porque uma minoria insignificante dela caducou para a criação, e se decompõe pelo medo à vida, e pela ânsia — mórbida e incurável — do lucro». — MAXIMO GORKI.

O REALISMO NAS NOVELAS

de ANNA SEGHERS

Na literatura progressista da Alemanha, Anna Seghers ocupa, por direito, um dos primeiros lugares. Seus livros, cheios de amor aos trabalhadores e de fé em sua causa, ressoam em nossos dias com nova força.

O grande escritor russo Turguenov, disse, em certa ocasião: "O importante para o talento literário... e, creio que para o talento de qualquer índole, é algo que eu chamaria a voz própria. Sim, ter voz própria é importante. São importantes essas notas vivas, especiais, próprias, que não encontramos na garganta de nenhuma outra pessoa". Precisamente a estes escritores que possuem voz própria e estilo artístico inconfundível, pertence Anna Seghers.

Faz tempo que a obra de Seghers começou a despertar um grande interesse entre os leitores progressistas de muitos países. Porém, na própria Alemanha, os leitores somente puderam conhecer e querer a verdade que Anna Seghers proclama, depois da derrota do fascismo; no terceiro Reich pesava sobre seu nome o veto mais rigoroso. Porisso, suas melhores produções vieram à luz na emigração.

Já em seu primeiro livro — "A Insurreição dos pescadores" — assinado pelo então desconhecido nome de Anna Seghers, ressoava o tema da luta contra a injustiça social, contra a barbárie do mundo capitalista. Imediatamente depois de aparecer esta novela, desencadeou-se na imprensa violenta polêmica. A imprensa reacionária fez esforços para desacreditar, a todo o custo, o livro, ou, na pior das hipóteses, para silenciá-lo. Seus esforços, entretanto, foram vãos. Muitos leitores descobriram o valor da novela: uma onda de comentários calorosos pôs em evidência até que ponto havia comovido a viril história dos pescadores rebeldes.

Logo souberam os leitores que este livro, escrito com talento, devia-se a pena de Netty Reiling, comunista de vinte e oito anos, que havia consagrado sua vida à luta revolucionária.

Passaram-se vinte anos desde que foi publicado "A Insurreição dos Pescadores". Anna Seghers percorreu um caminho largo e difícil. Porém, permaneceu fiel ao seu tema: a luta contra o jugo capitalista, e a seu herói: o povo trabalhador.

Anna Seghers manifestou mais de uma vez que a atividade do escritor deve estar dedicada a transformar o injusto regime

G. SNAMENSKAIA

social. As "teorias" decadentes da "arte pela arte" foram sempre estranhas a esta escritora. "Não temos direito a nos circunscrevermos às descrições, porquanto não escrevemos simplesmente para descrever, senão para conseguir, com nossas descrições, a transformação" — dizia Anna Seghers. A escritora sempre considerou que a literatura deve refletir as idéias avançadas da humanidade, deve estar penetrada do dramático da luta por estas idéias. Anna Seghers compreende muito bem que não existe uma literatura por cima das classes, e exige que o escritor tenha consciência política, profundo conhecimento das leis do desenvolvimento histórico, uma ideologia elevada, clareza de objetivos e de perspectivas, estreitos vínculos com a atualidade. Uma das tarefas básicas do artista, na opinião de Seghers, consiste em saber cristalizar as idéias da vanguarda em imagens diafanas e convincentes.

Anna Seghers não se conforma com denunciar a atividade dos imperialistas; considera que o escritor deve contrapor

a esse "reino tenebroso" um novo herói, defensor dos autênticos ideais democráticos; que o escritor deve pôr em relevo a verdade das idéias do comunismo, a grandeza da luta revolucionária.

Os homens simples são os heróis dos livros de Anna Seghers. Homens simples, porém não "homens pequenos", com alma de anão, com sentimentos e interesses anões, com um mundo estreito e cinzento, como vemos, por exemplo, na obra de Hans Falada. Com frequência, a escritora pinta pessoas a primeira vista mediocres, que, na aparência, nada têm de notável, e logo mostra quanta beleza se oculta em cada coração sensível, animado por idéias de luta em favor da justiça social. A morte não tem poder sobre eles, não lhes enreda, porque a causa pela qual estão prontos a entregar a vida é imortal.

Desta classe de homens é Andreas, de "A Insurreição dos Pescadores". No caráter deste jovem modesto, que ama apaixonadamente a vida e confia ingenuamente em seu futuro luminoso, se revelam, no processo da luta, características verdadeiramente heróicas. Não lhe afastará a morte, tal sua vontade de ajudar os pescadores a defender suas reivindicações. Assim, pois, desde sua primeira novela, Anna Seghers desenvolveu

O Mural de Jenner Augusto



O jovem pintor Jenner Augusto, na parede de uma residência em Itapoã, fixou a coreografia e as côres da pesca do zaréu — peixe cuja pesca é marcada na tradição folclórica bahiana. Jenner Augusto preferiu ver a vida e as lutas diárias dos pescadores da bela praia de Itapoã. Seu mural foi pintado em meses de trabalho cuidadoso.

O clichê acima é um detalhe do mural.

o tema da superação do medo à morte em nome da vitória, em nome do triunfo de uma idéia elevada.

Na novela "Companheiros", escrita em 1932, Anna Seghers trata da luta dos comunistas contra a reação capitalista na Polónia, Bulgária, Hungria, Itália, Alemanha, China e outros muitos países. O livro apareceu nos anos em que a Alemanha se achava em uma encruzilhada. A República de Weimar se havia desacreditado inteiramente; o povo alemão se debatia em pavorosa crise; se robustecia as forças do proletariado alemão, do Partido Comunista, e aumentavam as simpatias para esse partido da classe operária. Porém, simultaneamente, levantava a cabeça a reação imperialista. Apoiado pelos magnatas do capital mundial, equipado com toda a sorte de armas — desde metralhadoras até casaca tática — o fascismo empreendia a ofensiva contra o povo. Anna Seghers se encontrava nas primeiras filas dos combatentes contra o fascismo.

Os heróis do seu segundo livro — o chinês Liu-Han-tschí, o búlgaro Dudoff, o polaco Janek, e outros — são comunistas, lutadores do destacamento de vanguarda dos trabalhadores. Todos estes companheiros têm um objetivo único, porém cada um deles luta pela felicidade do seu povo, do seu país. Em "Companheiros", o elevado patriotismo se une organicamente à solidariedade proletária internacional. Nisto reside a força vital e a idéia progressista da novela.

Cada nova obra de Ana Seghers é uma prova do desenvolvimento do seu talento. Porém seu melhor livro é a novela "A Sétima Cruz".

A novela foi escrita em 1938, quando a autora se encontrava na emigração, porém próxima, com seu pensamento, daqueles que, em sua pátria, nas condições do sangrento terror fascista, continuava virilmente a luta. É certo que em nuavam virilmente a luta. É certo que em ante o fascismo. Os verdugos hitlerianos desorganizaram e decapitaram o movimento anti-fascista clandestino. Porém isso não significava que na Alemanha nazista não ficassem homens insubmissos. Em sua novela, a escritora coloca audazmente o problema da amplitude e das perspectivas do movimento anti-fascista clandestino. Parece como se quizesse introduzir o leitor na vida das amplas camadas populares alemãs, operários camponeses, pequena burguesia urbana e intelectuais pequeno-burgueses.

Entre os heróis do livro de Anna Seghers há intrépidos lutadores, revolucionários, profissionais e pessoas modestas, não menos heroicas em seus atos; porém, ao lado delas, a escritora mostra também um grande número de pessoas acomodadas, incapazes da menor resistência, que preferem cruzar os braços e esperar. E, finalmente, descreve também

aos incondicionais do "terceiro império", aos que seguiram de bom grado aos fascistas, impulsionados por seus mesquinhos interesses. A profusão de caracteres, a rápida mutação de cenas e episódios, não impediram a escritora de criar um quadro íntegro da vida da Alemanha durante os sinistros anos do domínio hitleriano.

Do campo de concentração de Westhofen fogem sete cativos. Tal é o começo do drama da novela "A Sétima Cruz". O plano de fuga foi traçado com astúcia e posto em execução com temeridade. Porém, onde iam estes sete audazes? Onde encontrariam a liberdade? Acaso não fora a Alemanha transformada num vasto campo de concentração? Mas, apesar de tudo, os fugitivos confiam em que hão de encontrar ajuda. Não é possível que Hitler, em alguns anos, haja arrancado pela raiz a consciência das pessoas, o grande sentimento de solidariedade fraternal dos trabalhadores. No entanto, a julgar pelo começo de suas tentativas, os cálculos não se justificam. As autoridades do campo — está em jogo seu prestígio — perseguem denodadamente os fugitivos. É preciso demonstrar a insensatez de qualquer tentativa de resistência, a impossibilidade de brotar qualquer luta. Quatro dos fugitivos, um após outro, são resituídos ao campo; dois sucumbem durante a perseguição. Entre os fugitivos há pessoas de diversas concepções políticas, que chegaram em Westhofen em diferentes épocas e por distintas razões. Distinto é seu comportamento agora, ao comparecer perante o enfurecido comandante do campo. Fullgrabe, homem moralmente destruído pelo fascismo, jamais se rebelaria. O comunista Wallau se mantém com a cabeça erguida, orgulhosa e inquebrantável. É um homem pouco comum, dos que conduzem os demais. Morre durante a tortura, porém não traição seus companheiros. Teria sido mais fácil fazer as pedras falarem.

O herói da novela, Georg Heisler, ao começo parece que luta só contra a Alemanha nazista. Nos primeiros minutos da fuga, ao encontrar pessoas estranhas, encerradas em seu estreito mundo apodera-se de Georg o desespero. Em torno de si vê pessoas acomodadas, mal-intencionadas e aterrorizadas, prestes a trair-se mutuamente, sumidas por completo na vulgaridade de sua lamentável existência. O caminho de Georg é complexo; nele, encontra depravados e miseráveis. A atitude da população para com o fugitivo do campo de concentração nazista, as reflexões e sentimentos que dominam as pessoas quando se encontram com ele, ou quando ouvem mencionar o seu nome, dão a Anna Seghers ocasião para esclarecer a vida espiritual de algumas camadas do povo alemão no período do fascismo.

Anna Seghers mostra que a atitude de

muitos alemães estava determinada, antes de tudo, pelo medo às torturas, à Gestapo. O medo havia envenenado sua alma e paralizado sua vontade, havia matado todos os seus nobres impulsos. Por temer as delações, eles mesmo estavam dispostos a se tornarem delatores. Muitos já não acreditavam no que diariamente propalava a rádio de Goebels, ou no que publicavam os periódicos; não faziam caso da mentirosa propaganda fascista, que, a princípio, prometia um paraíso terrestre "só para os alemães". Porém, estes eram ineptos para o protesto e a luta. Executavam resignadamente tudo o que lhes ordenavam; eram, em essência, subditos do fascismo, submissos instrumentos em mãos do imperialismo. Assim era Leri, a antiga noiva de Georg; assim eram os parentes de Frans Marnet.

Anna Seghers pinta também outras pessoas: os vivedores, aos quais pouco importa o sistema estatal de seus países, contanto que não lhes impeça de lucrar, viver tranquilos e com folga. Não lhes importa o que ocorre nas câmaras de torturas da Gestapo; não lhes interessa saber que perece nos campos de concentração, são insensíveis à sorte do povo. Homens sem princípio, tomam a vida como uma espécie de mercado, onde se comercia e onde se concluem contratos. A miséria moral desta parte do povo alemão, sua vergonhosa submissão, contribuíram para o fortalecimento do fascismo, facilitaram a vitória das forças da reação e da barbárie na Alemanha.

Anna Seghers escreve também sobre os que se deixaram arrastar pela falsa demagogia do fascismo, os que, em nome dos interesses da camarilha imperialista, de delirantes quimeras sobre a hegemonia mundial, estavam dispostos a vender ao pai, ao irmão, ao filho, e a fundir na desventura povos inteiros, a destruir cidades e aldeias, a pisotear a cultura de toda a humanidade. O fascismo havia libertado seus instintos bestiais. Na novela "A Sétima Cruz" há outro grupo de pessoas: os que confiavam na ação salvadora do "fator tempo"; "aguentar, viver, esperar", tal era o seu lema. Odiam o regime hitleriano, porém contemplavam passivamente como o Gestapo tirava a vida dos melhores homens, como os bárbaros fascistas aniquilavam a cultura alemã, envenenavam e degradavam a consciência das pessoas. Na Alemanha, depois da queda do regime fascista, denominaram estas pessoas de "os que esperavam passar a tempestade". A muitos deles pesava sua própria passividade, porém não concentravam em si forças para a resistência ativa.

O quadro verídico, profundamente realista, da vida da Alemanha, que a escritora traça, não é pessimista. Representantes do povo alemão, como Wallau e Georg, não se dobraram: combateram. Não eram muitos, porém, dentro do povo, constituíam uma grande força: eram sua

consciência. A escritora põe Georg Heisler em contacto com novas e novas pessoas, e encontra entre elas pessoas que sonham uma vida diferente. Houve um tempo em que assistiam a todas as assembleias, a todas as manifestações. Encontravam na luta pelos interesses dos trabalhadores a razão de sua existência. Talvez suas vidas fossem, a primeira vista, vulgares, sumidas no diário e esgotador trabalho; porém, era uma vida maravilhosa, porque repousava no entusiasmo combativo. A fuga de Georg lhes demonstrava praticamente que a luta era possível, que continuava, e que se podia conseguir se se entregavam a ela, até o fim, homens valorosos, que não recuassem ante a morte.

Johannes Becher, na poesia "Os Três", conta a luta anti-fascista de três estudantes. Não eram mais do que três. Como estribilho, se repete as palavras: "Qualquer jovem alemão poderia haver sido um deles". Este é também o sentido da novela de Anna Seghers; foram poucos os homens tão fortes, tão intrépidos e tão honestos como Wallau e Georg, como Fiedler e Roder; mas, apesar de tudo, existiram, e "Qualquer jovem alemão poderia haver sido um deles". Foram estes homens os que continuaram, naquele tempo, o combate duro e desigual. Os melhores filhos do povo alemão haviam sido exterminados por Hitler nos primeiros dias da tomada do poder, ou então aguardavam a morte nas masmorras da Gestapo, e nos campos de concentração. A fuga de Georg agrupou as forças dispersas dos honrados representantes do povo alemão, guiando-os para o caminho da luta.

Na novela há uma cena expressiva que se desenrola na taverna onde dois jovens operários reconhecem Georg, o fugitivo do campo de concentração. Temem reconhecer-se um ao outro. Antes haviam sido amigos. Porém, agora... Qual deles será espião da Gestapo, quem se terá vendido ao fascismo? Um diz ao outro:

— "Poderias ganhar alguma coisa com isso.

— Poderia? E tu, poderias?...

— Não — responde — tão pouco eu poderia..."

Em tempos haviam sido bons amigos; depois, chegaram os anos em que não se poderiam falar de nada importante por temor de descobrir-se... e se o amigo tivesse mudado? Agora esclarecia-se que permaneciam como dantes. O encontro com Georg rompeu o gelo da desconfiança que se formara entre estes dois operários. Saíram vencedores da prova.

A "Sétima Cruz" culmina com a vitória de Georg. O herói salvou-se. Porém isto não é o fundamental na novela. A salvação de Georg inicia uma nova etapa da luta. Os Fiedler, Roder, Franz Marnet, Schulz, o engenheiro Kress, reviveram; todos eles parecem livres do letargo. Como se desenvolverá esta luta? Com esta pergunta, termina a novela.

O povo alemão não encontrou em si mesmo forças para sair da crise e do crime em que o fascismo o precipitou. Somente com a ajuda da União Soviética, que derrotou o hitlerismo, crearam-se as condições para a construção de uma nova Alemanha, democrática e popular. Depois da derrota da Alemanha fascista, Anna Seghers retorna, de novo, aos heróis da "Sétima Cruz".

A novela resulta de muitas reflexões amargas da escritora, de uma análise crítica do passado recente do povo alemão. Seghers responde aqui a pergunta com que termina a "Sétima Cruz". Que sucedeu depois? Como se desenvolveu a luta? A escritora procura esclarecer o motivo porque, na Alemanha, algumas chispas isoladas não inflamaram a chama de um poderoso movimento de resistência.

Em "Os Sabotadores", o leitor encontra de novo os personagens já conhecidos na novela anterior. A ação se desenvolve em uma região do Reno, no período compreendido entre 22 de junho de 1941 até a derrota do Reich. Entre os operários das fábricas de guerra se difunde rapidamente a notícia da agressão a URSS. Muitos se desesperam. Será possível que tudo continue como dantes? Será possível que neste dia, o 22 de junho, saia da cadeia fabril a torrente de granadas que se destinam ao aniquilamento da democracia socialista? Será possível que tão pouco agora acenda-se a chispa de protesto do povo alemão? Um pequeno grupo de operários decide iniciar a luta. Porém este grupo fica isolado. Ninguém o apoia; a idéia da sabotagem coletiva nas fábricas de guerra não se torna realidade.

SÓ APERTAR O BOTÃO

(CONTINUAÇÃO)

e a moça pensava: "É alegre como uma criança. Nem parece o herói que é". Esperaram para ver o jornal. As cenas habituais: uma exposição de quadros, patinadores no gelo, futebol, provas de um novo tipo de avião, a chegada de uma princesa estrangeira a Paris, greves, conflitos, um furacão nos mares do sul, assembleias, discursos, coroa de flores no túmulo do Soldado Desconhecido, inauguração de uma barragem, "girls" em maiô num concurso de beleza na Flórida.

Então, de repente, os dizeres: "Algumas cenas da guerra. Retrospecto". Campos de concentração e esqueletos amontoados em covas rasas; sombras envelhecidas de homens, de mulheres, de crianças, cobertas de trapos, cabeças raspadas, arrastando-se penosamente para caminhões que vinham buscá-las e as levariam finalmente para longe daquele inferno; destruição e ruínas, populações vivendo em buracos de ratos, nos descombros das cidades, em covis de feras nas grutas das montanhas. Campos abertos em crateras de bombas, pontes tombadas, represas des-

E passa o 22 de junho, o dia que Anna Seghers chamou da última prova dos trabalhadores alemães. A emoção, que a muitos embargou, se acalma; o sentimento de vergonha abrasadora, pela participação do povo alemão na mais infamante das guerras, na guerra contra o país do socialismo, se vai embotando paulatinamente. Seghers mostra com que submissão permitiu o povo alemão que o arrastassem à última aventura bélica do imperialismo germânico e como débeis e insignificantes foram os grupos de resistência, aniquilados pelo terror fascista. Ao final da novela, Anna Seghers fala da decepção que se apoderou de numerosos alemães, depois que chegaram as tropas de ocupação das potências ocidentais. A população alemã, libertada do jugo hitleriano, se encontrou subjugado de novo pelo capital anglo-americano, que apoia ativamente os elementos pró-fascismo. Os novos governantes da Alemanha ocidental não tinham a menor intenção de colaborar com os que lutaram contra o fascismo nos tempos difíceis, de colaborar com aqueles que representavam a consciência do povo alemão. A novela "Os Sabotadores" é continuação natural de "A Sétima Cruz". Ambas estas obras estão veiculadas entre si, uma completa a outra. É como se se fundissem em um amplo quadro histórico as últimas décadas do povo alemão.

O essencial na obra de Anna Seghers é sua íntima ligação com a realidade. Em suas novelas discute-se grandes problemas sociais. A escritora vive a vida do povo e a ele consagra sua arte. Seus livros são sempre atuais, e particularmente instrutivos para o povo alemão.

truidas, alagando plantações, filas de famintos estendendo tigelas à sopa da Cruz Vermelha. A pequena mão da noiva estremece entre as grandes mãos do aviador. E a cena final: o bombardeio de uma cidade. Mas que cidade? A que ele havia destruído irremessivelmente com o simples apertar de seu dedo num botão. Cenas vivas. Corpos carbonizados arrancados de entre as ruínas. Uma mulher com o ventre aberto, as vísceras espalhadas no chão; um homem sem olhos, o grande buraco de seu rosto como a cratera nos campos devastados; um menino sem pernas; a cabeça calva, as faces em carne viva, os braços e os seios feridos de uma mocinha queimada; o cadáver de uma criança de colo; feia boneca sem cara, embrulhada em panos sangrentos. Um cão morto, as quatro patas espetadas, duras, têsas, o pêlo colado ao corpo por sangue já seco. Mulheres vivas, algumas feridas, vagando por entre destroços, em prantos; uma velha acocorada, balançando no regaço o cadáver mutilado de um adolescente, numa grande sala nua, deitados

(Conclui na página 19)

O GRANDE SATIRICO (CONCLUSÃO)

colonial. Causticou os escândalos administrativos, os roubos, a degradação dos nobres, a agiotagem, os tributos excessivos, e criticou, como um patriota indignado, a passividade dos seus concidadãos frente à opressão portuguesa:

*"Que os brasileiros são bestas,
E estarão a trabalhar
Toda a vida, por manterem,
Maganos de Portugal!"*

Por causa do timbre irado desta crítica, alguns historiadores quiseram ver no grande satírico um "inimigo do povo" da Colônia. Mas isto é porque localizaram mal o ódio de Gregório de Mattos. Em verdade, sua revolta dirigia-se aos "maganos de Portugal", e não aos brasileiros, que só mereceram suas palavras de fogo porque pouco se atiravam contra os opressores. No século XVII, porém, não era possível um movimento pela independência. Encontramos um dos principais obstáculos no fracionamento da Colônia. O poeta enganava-se, todavia, quando se julgava isolado e deixava transparecer ressentimento disto em sua poesia. Ele não chegou a perceber que era a voz da porção trabalhadora da Colônia, e que, por ser a voz de muitos, seus poemas declamados não se perdiam e corriam a província bahiana como um brado viajero de protesto e de revolta.

Para conseguir este eco profundo, Gregório de Mattos usou em sua poesia satírica de uma linguagem viril, violenta e implacável. São um exemplo os rimances e sonetos que escreveu ridicularizando o despoita Luiz da Câmara Coutinho, enforcador de brasileiros, nobre português degenerado. Em um destes Rimances, assim se refere Gregório de Mattos ao governador português:

*"A vós, merda de Fidalgos,
A vós, escorria dos Godos..."*

Poderá ser uma linguagem crua, porém atendia ao sentimento de ódio e de desprezo votado pelo povo da província ao carrasco Luiz da Câmara Coutinho. Com a mesma cruesa, falou Gregório de Mattos dos nobres nascidos na Colônia, de alguns em separado, como no poema "Marinocolas", e dos clérigos:

*"Vem um clérigo idoota,
Desmaiado como um gualde,
Os vícios com seu bioco,
Com seu rebuço as maldades".*

*"Ontem simples sacerdote,
Hoje, uma gran dignidade,
Ontem selvagem notório
Hoje, encoberto ignorante".*

Este audacioso timbre nos poemas satíricos de Gregório de Mattos não lhe dá, entretanto, apenas direito ao orgulhoso título de rebeldia. Quase que cronista diário dos escândalos e da dissolução na Colônia, soube destacar, ainda, as suas facetas de exploração do Homem e de atraso social. Em um dos seus poemas, falando em nome de sua amada Bahia, assim se refere ao trabalho dos escravos, que não tinham direito a descanso nem nos dias "santos" e domingos:

*"Nem aos míseros escravos
Dão tais dias de vazio,
Porque nas leis do interesse
É preceito proibido".*

Por causa desta posição combatente, "boca do

inferno" temida pelos colonizadores, o grande satírico foi condenado a desterro em Angola. Até então, ele se tornara imensamente conhecido na província bahiana; odiavam-no os nobres, governantes portugueses, clérigos, juizes venais, — a máquina colonial-escravocrata. Todavia, o degredo não decaiu a altivez de sua voz, não tornou flexível o seu caráter. Voltando ao Brasil, velho, doente, impossibilitado de retornar à Bahia, o que primeiro lhe proibem é fazer versos. Mas é para usar sua arma de combate que Gregório de Mattos, na primeira oportunidade, declara luta ao governo de Pernambuco, que roubava a terra e ainda pretendia emudecer os lábios de um poeta.

Deve ser uma preocupação primordial, para todos os escritores progressistas do Brasil, no estudo do legado cultural do passado brasileiro, a poesia satírica de Gregório de Mattos Guerra. Aos jovens poetas, que fazem de seus poemas uma arma de luta contra as forças de opressão do nosso povo; aos poetas e escritores, que aspiram refletir em sua arte a rica e múltipla realidade dos dias que correm — realidade revolucionária de grandes lutas pela libertação do país e pela criação da cultura popular, *nacional pela forma e socialista no conteúdo* — o exemplo de Gregório de Mattos é um orgulho. A sua lição, de combatividade e destemor, um caminho a seguir.

DOIS HERÓIS DA JUVENTUDE (CONCLUSÃO)

que execrável era a denominação portuguesa, que eram patriotas, e que não temiam morrer por sua Pátria. E, apesar de cercados por tropas portuguesas, num aparato militar inusitado para aquela época, tal foi o vigor de seus protestos, que fez tremer o ânimo dos verdugos. Mandou-se tocar os sinos da igreja da Piedade para abafar os seus brados; a leitura dos autos de sentença foi interrompida, e os quatro patriotas executados sumariamente, seus corpos esquartejados, espalhados pela cidade, como bárbara advertência.

Mas nem os sinos da igreja da Piedade, nem a brutal reação portuguesa desencadeada sobre a província, nem o silêncio premeditado de que foram cercados pelas classes dominantes até hoje, conseguiram impedir que seus protestos, e sua revolta patriótica chegassem até nós. «A jovem geração, na luta heróica e gloriosa para libertar o país da dominação do imperialismo, será a continuadora dos jovens heróis das lutas emancipadoras de nosso povo, pela independência, pela libertação dos escravos e pela República». Essa afirmação, constante da Resolução do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil sobre a Reorganização da União da Juventude Comunista, exprime uma realidade luminosa. Lutamos pela Paz, pela liberdade nacional e social de nosso povo, pela conquista de uma Democracia Popular para nossa Pátria. Nas atuais condições, lutamos pelos mesmos objetivos pelos quais morreram Lucas Dantas e Manoel Faustino dos Santos Lira: pela vitória da causa do povo. As lutas de hoje exigem a mesma dignidade revolucionária e o mesmo heroísmo patriótico dos jovens heróis de 1798. E essa dignidade, e esse heroísmo, não nos faltarão, como nunca nos faltaram: o sangue generoso de Vicente Malvoni, Zélia Magalhães, Angelina Gonçalves, Cirilo Marques, Serafim dos Santos, Pedro Godoi e tantos outros, derramado em praça pública, expressam a decisão de milhões de jovens brasileiras, de honrar os exemplos de nossos antepassados. Somos os depositários e os herdeiros da tradição heróica que nos legaram as gerações passadas, do patriotismo e da bravura de Lucas Dantas e Santos Lira. Orgulhamo-nos disso. Sob o comando de Luiz Carlos Prestes, continuamos esse passado, lutando pela conquista do futuro que já se anuncia, e que já é presente radioso para quase metade da humanidade.

O Realismo Socialista na Música

(Conclusão)

ções dos homens livres, que não conhecem a exploração do homem pelo homem. A música é capaz de exprimir, com singular força estes ideais humanísticos e reafirmadores da vida. Nisso reside o antagonismo fundamental entre o arte soviética e o modernismo musical contemporâneo que se esforça por cantar a decadência espiritual e a degradação do herói burguês. Os soviéticos não podem nem querem elogiar a arte que proclama como ideal o desprezo ao homem, que cultiva as imagens do mal, a deformidade, as maiores aberrações ou os elementos mais cinicamente grotescos.

A época soviética educou novos homens, fortes de espírito, abnegados, que não conhecem obstáculos na luta pela construção de uma nova sociedade. O herói de nosso tempo é o homem criador, transformador da natureza, o construtor e o soldado, o patriota ardente. Nosso público exige que também a música — como a literatura — conte com toda a força de sua paixão romântica estas novas qualidades humanas. Quer que as novas óperas, sinfonias e cantatas encarnem, em belas músicas, os altos ideais da sociedade socialista e não se deleitem com os horrores do mal; que não tratem de nos “convencer” de um suposto ocaso e aniquilamento do mundo.

Os princípios estéticos e éticos progressistas, que os músicos soviéticos proclamam, tendem a salvar a música contempo-

rânea dos perigos da deformação decadentista. Não pode florescer uma arte autêntica onde reina o desprezo ao homem, onde se desdenha o gosto do auditorio, onde predomina a negação anárquica das tradições artísticas do passado.

Os que estão de verdade interessados na arte musical prestam hoje atenção, cheios da maior esperança, aos serenos e justos chamamentos que chegam do país do socialismo a todos os músicos avançados do mundo.

O APELO POR UM PACTO DE PAZ

Este é o documento que toda a humanidade assina, pedindo a conclusão de um Pacto de Paz, entre as 5 grandes potências:

Atendendo as aspirações de milhões de homens do mundo inteiro, quaisquer que sejam suas opiniões sobre as causas que engendram os perigos de guerra mundial:

Para consolidar a paz e garantir a segurança internacional:

Reclamamos a conclusão de um pacto de paz entre as cinco grandes potências: Estados Unidos da América, União Soviética, República Popular da China, Grã-Bretanha e França.

Consideraremos a negativa do Governo de qualquer das referidas grandes potências a reunir-se para concluir esse pacto de paz, como evidência de designios agressivos por parte desse Governo.

Fazemos um apelo a todas as nações amantes da paz para que apoiem a exigência de um pacto de paz aberto a todos os Estados.

Colocamos nossas assinaturas ao pé deste Apelo e convidamos a assiná-lo a todos os homens e a todas as mulheres de boa vontade, a todas as organizações que aspiram a consolidação da Paz.

SÓ APERTAR O BOTÃO

(CONCLUSÃO)

no chão, os feridos pelo fogo e pelos desabamentos, agonizando sem socorro; homens atarefados, com padiolas improvisadas, procurando sobreviventes entre as ruínas, enquanto outros cavavam e remexiam nos montões de pedras que antes se aprumavam, formando seus lares, e de onde extraíam coisas disparatadas, informes: corpos esborrachados, metade de uma boneca, uma caçarola quase perfeita, um pé de sapato (onde estaria o pé que o calçara?), um berço de criança, uma máquina de costura, uma gaiola de pássaro, livros... Enorme extensão desolada, onde antes se erguiam casas, e se espalhavam quintais (ervas, flores e frutos;

seria possível que ali, naquela região da morte, tivesse havido um dia ervas, flores e frutos?) e se alinhavam ruas por onde passavam veículos, e o povo caminhava e brincavam crianças. Numa casa enorme e baixa, meio derrubada, lia-se ainda: “Escola”, e mais adiante havia numa fachada a tabuleta de uma loja, e à distância equilibrava-se a torre de um templo entre pedaços de muros, e mais além,

do que fora uma imponente construção, uma fábrica importante, havia apenas a chaminé central, fria, sem fumo, sobre os fornos apagados.

A pequenina mão da noiva estava fria como as mãos daqueles mortos. Fria, inerte, abandonada entre as grandes mãos do aviador, parecendo alheia, estranha, arrancada do corpo palpitante da moça. Mão arrancada de um braço pelo explodir da bomba, e que teria ido cair ali, morta, inútil, vazia, entre as mãos do homem que apertara o botão. Convulsivamente, ele apertava aquela mão, mas ela não reagia, não se animava, não se aquecia entre as suas. Como se fosse a mão de uma das mulheres que ele matara.

E antes da chegada de seu avião, antes que ele tivesse premido aquele botão pequenino, a cidade morta tinha sido uma cidade viva. Havia estudantes lendo em voz alta numa sala de aula, havia homens assobiando nas ruas, havia um ruído de malhos e de máquinas, automóveis businando, mulheres cozinhando, costurando, embalando berços. Gente fazendo planos para o dia de amanhã, meninos

dizendo: “Quando eu crescer...” e casais de noivos escolhendo acôr das paredes de seu quarto nupcial.

Mas o avião chegará, rondará por sobre a cidade como um anjo sinistro, e ele fizera aquele pequeno gesto, o gesto tão fácil, o gesto tão rápido de apertar o botão.

Lembrou-se, de repente, do que costumava contar aos meninos de sua rua: “Claro! Matei muita gente; pencias de gente! Homens perversos, inimigos ferozes, armados dos pés à cabeça”. E agora estava vendo a gente que matara, a pobre gente tomada de surpresa no meio de suas ocupações, de suas canseiras, de suas alegrias.

Terminara a sessão. Sairam. A noiva ia junto dele, silenciosa e pálida, arrastando-se como uma convalescente. Lá fora, na noite fria, ele respirou fundo, parou, olhou para as mãos; olhou-as com desgosto e asco; olhou-as com aversão. Poderiam jamais aquelas mãos estreitar outras mãos, partir o pão de cada dia, acariciar seios de mulher, cabelos de criança?

“Vamos”, disse a noiva.

Na fachada do cinema, as luzes se apagaram de repente.

é possível forçar qualquer forma de animal ou planta a se modificar mais rapidamente e na direção desejada». (4)

«A doutrina de Michurin — diz Lysenko, seu maior discípulo e continuador — rejeita radicalmente o princípio fundamental do mendelismo-morganismo de que a hereditariedade é complemento das condições de vida das plantas e dos animais. «A doutrina de Michurin não reconhece a existência no organismo de uma substância separada, independente do corpo». «As modificações da hereditariedade de um organismo (mutação) ou na hereditariedade de qualquer parte do seu corpo são o resultado de modificações do ser vivo e ocorrem como resultado da saída do normal no tipo de assimilação e desassimilação, de saída do normal no tipo do metabolismo». As modificações nos organismos ou em seus órgãos ou caracteres separados, podem não ser sempre ou completamente transmitidos aos descendentes, mas as modificações de germes nos organismos recentemente gerados sempre ocorrem, unicamente, como resultado das modificações no corpo do organismo dos pais, resultantes da ação direta ou indireta das condições de vida sobre o desenvolvimento do organismo ou de suas partes separadas, e entre elas, os germes sexuais, ou vegetativos». «As modificações na hereditariedade, a aquisição de novos caracteres, seu aumento e sua acumulação em gerações sucessivas são sempre determinadas pelas condições de vida do organismo». A hereditariedade modifica-se e torna-se mais complexa, como resultado da acumulação de novos caracteres e propriedades adquiridas pelos organismos em gerações sucessivas.

«O organismo e as condições necessárias à sua vida formam uma unidade inseparável». «Seres vivos diferentes requerem condições externas diferentes para seu desenvolvimento». Estudando essas necessidades, chegamos a conhecer as feições qualitativas da natureza dos organismos, as feições qualitativas da hereditariedade. «A hereditariedade é a propriedade que tem um ser vivo de exigir condições determinadas para sua vida e seu desenvolvimento e para corresponder, de maneira determinada, a várias condições. (5)

Provado está, portanto, e sem sombra de dúvida, a impossibilidade da existência de matéria de dupla natureza, num todo, sem que ocorra o fenômeno de troca de elementos metabólicos ou se processem as complexas atividades das inter-relações biológicas, como desejam os morganistas-mendelistas que se verifique com o plasma germinativo e o somato-plasma. Uma continuando permanente,

viva e inalterada e a outra desaparecendo com a morte do indivíduo. E se assim é, se a substância hereditária não só está sujeita, como vimos, a alterações, digamos normais, no curso de sua existência, mas também a modificações profundas de que resultam as mutações, é claro e cientificamente verdadeiro que as origens dessas transformações não são absolutamente desconhecidas. Determinadas, pois, que elas sejam, estabelecidas as necessidades naturais do organismo e de sua correspondência às condições externas, é possível ser dirigida a sua vida e o seu desenvolvimento.

«As modificações nas condições de vida — assevera Lysenko — acarretam modificações no tipo de desenvolvimento dos organismos. «Um tipo de desenvolvimento modificado é, pois, a causa primária das modificações da hereditariedade. Todos organismos que não se podem modificar de acordo com as condições modificadas da vida, não sobrevivem, não deixam descendência».

Isto mesmo foi o que fez Michurin. Em face da necessidade imediata na União Soviética de ser aplicada a ciência e a prática para atender ao plano do Estado com a criação de animais e produtos de boa qualidade e em quantidades suficientes, teve ele, com os seus colaboradores não de esperar, mas de arrancar da natureza seus favores. «Selecionar e aperfeiçoar as criações de acordo com as condições de alimentação, manutenção e clima e, ao mesmo tempo criar as condições de alimentação e manutenção mais adequadas as criações em questão. E o resultado disto foi produzir, durante sua vida, mais de trezentas novas espécies de planta. Tantas sem hibridação sexual e todas resultantes de seleção exclusivamente dirigida. E se não bastasse, poderíamos incluir os trabalhos de seus continuadores, principalmente de Lysenko.

Mas os mendelistas-morganistas não combatem a teoria de Michurin tão só do ponto de vista científico. Até mesmo poder-se-ia dizer que, embora

seja esta a razão que apresentam para sua sistemática recusa, contudo, ela só faz encobrir a realidade. Porque todos ou quase todos que combatem Michurin não se deram ao trabalho de verificar, experimentalmente, a verdade de suas afirmativas. Combatem-no por questões de ordem ideológica ou política. Ideológica, porque sendo sua doutrina materialista e dialética, difundida e aceita por todos, põe por terra a doutrina de Mendel-Morgan, essencialmente idealista e metafísica. Negação a invulnerabilidade e a pureza eterna do plasma germinativo, consolida a teoria evolucionista de Darwin, contrária que é à teoria creacionista dominante. E política, porque, sendo uma teoria surgida e aplicada na União Soviética, só poderá ser de interesse das grandes massas trabalhadoras, opondo-se, naturalmente, aos propósitos econômicos dos donos do mundo. A doutrina de Michurin, aceitando ao homem, com imensas possibilidades sobre o domínio da natureza, reduz à mais absoluta insignificância a «Teoria da População» de Malthus, a que Engels chamou de reacionária e mistificadora.

Em que situação ficariam, pois, os mendelistas-morganistas e o capitalismo internacional que o sustenta, se a Teoria de Michurin fosse praticada em todas as partes onde existe o homem sobre a terra? Que resultaria do domínio de um princípio estabelecido na União Soviética e que possibilita o desaparecimento da fome e da miséria de vez que ele permite a obtenção de produtos e animais de boa qualidade e nas quantidades necessárias ao consumo, como ocorre na Pátria do Socialismo?

- 1) — Plínio Ribeiro Cardoso — «Conflito de duas teorias na genética». «Fundamentos, nº 6».
- 2) — Otávio Domingues — «Eugenia em 5 Lições».
- 3) — T. D. Lysenko — A Biologia Soviética (Problemas, nº 16).
- 4) — T. V. Michurin — Obras — Vol. IV.
- 5) — T. D. Lysenko — A Biologia Soviética (Problemas, nº 16).

COOPERATIVA CENTRAL INSTITUTO DE PECUÁRIA DA BAHIA RESP. LTDA.

Rua Miguel Calmon, 16 - Fones: 5523, 4012, 5297 e 3704
SALVADOR — BAHIA — BRASIL
FUNDADA EM 1936

Quotas subscritas \$ 1.216.000,00

Quotas integralizadas \$ 963.550,00

Presta assistência técnica e veterinária aos associados — Empréstimos hipotecários, penhores pecuários e descontos — Aceita depósitos em contas correntes, prazo fixo, limitados e populares

Vendas de maquinismos, medicamentos e inseticidas em geral
FILIAIS EM:

JIQUIÊ, POÇÕES E VITÓRIA DA CONQUISTA

I CONGRESSO DA CIÊNCIA POLONESA

O I Congresso da Ciência Polonesa, realizado em Varsóvia, com a presença de 1.600 representantes de todos os ramos da ciência e de numerosos convidados estrangeiros, concluiu os seus trabalhos, adotando uma resolução, nos termos da qual fica criada a Academia Polonesa de Ciências, órgão que se encarregará de desenvolver o mais plenamente possível todos os setores da ciência na Polônia, de estudar as realizações do pensamento científico no mundo e de participar na utilização planificada de realizações científicas na edificação do Socialismo na Polônia.

Concluindo os debates do Congresso, o Presidente do Conclave, Prof. Jan Dembowski, declarou:

"Os cientistas poloneses deram uma contribuição valiosa e impulsionaram o desenvolvimento das pesquisas em nosso país. Esta tarefa reuniu a grande maioria de nossos cientistas; foi nessa

cooperação, que se baseiou o nosso Congresso e é dela que nasce a Academia Polonesa de Ciências. É nosso ardente desejo mostrarmos-nos à altura das tarefas que nos esperam. Agora vemos com maior clareza as tarefas concretas que devemos cumprir com o nosso trabalho científico".

O Prof. Dembowski prosseguiu dizendo que nem sempre foi fácil formular essas tarefas e em alguns casos resta ainda muito a fazer. As discussões que antecederam o Congresso mostraram, que havia muitos obstáculos a su-

perar; era mister combater as influências cosmopolitas do mundo imperialista e enfrentar problemas, que obstruíam o desenvolvimento independente do pensamento científico na Polônia, de tão responsável missão na vida nacional.

O Prof. Dembowski referiu-se ao discurso pronunciado pelo sábio francês Joliot Curie no qual este tinha salientado que as palavras "paz" e "saber" eram inseparáveis. "Esta é a opinião do nosso Congresso — prosseguiu o orador — Esta é a opinião de todos nós. Esta é a opinião de homens de ciência progressistas do mundo inteiro, cujos representantes assistiram ao nosso Congresso".

Concluindo, o Prof. Dembowski frizou: "Estamos profundamente convencidos que é dever dos cientistas tomar parte ativa e criadora na luta pela paz e construir um futuro melhor para o mundo".

OS ESTADOS UNIDOS:

NO RÁDIO: "Se alguém bater à vossa porta e vos falar de paz, deveis reter esse alguém e chamar a polícia".

Anúncio radiofônico transmitido em intervalos pela estação de Birmingham, Alabama.

NA CIÊNCIA: "É praticamente perder tempo procurar hoje as leis da vida econômica... É o canhão que regula a produção, a troca e o consumo".

Emery Reves, em "Anatomia da Paz".

NA LITERATURA: "O romance da senhorita Yorke, precisamente porque é mais depravado, atingiu a um melhor acabamento".

Orville Prescott, em New York Times.

NA UNIVERSIDADE: "Depois de levar minha paróquia ao serviço religioso, eu os convidarei para treinarem no manejo das armas de fogo. Eu penso que deveríamos seguir uma preparação total, baseada nas leis da selva — que deveríamos aprender a arte e a ciência de matar, em todos os seus detalhes".

Reverendo Doutor E. C. Nance, presidente da Universidade de Tampa, citado pelo "Tribune", de Chicago.

NO CINEMA: "Eis Cagney tal como gostais... com um revolver... viciado... sem piedade, implacável! Cagney — brutal com as mulheres — selvagem com os homens!"

Publicidade da Warner Bros para o filme Kiss Tomorrow Goodbye.

O MANIFESTO DE AGOSTO

(CONCLUSÃO)

nantes acham impossível e inadmissível introduzir as grandes massas trabalhadoras do país. O problema da conquista da nova base social para a nova cultura é primordial: há de assegurar sua vitória sobre a cultura dominante — o decadentismo anti-nacional da "cultura" dos latifundiários, grandes capitalistas e agentes do imperialismo norte-americano; da guerra, em resumo. Daí se depreende, então, que a Revolução Cultural no Brasil, a luta pela cultura nacional e popular — "socialista no conteúdo e nacional pela forma" — deve ficar para depois de ter o Estado Democrático Popular assegurado ao nosso povo INSTRUÇÃO E CULTURA? Não, absolutamente não. Já agora, travamos a batalha da Revolução Cultural: ela é parte integrante das lutas revolucionárias do nosso povo pela Paz e a libertação nacional. É o Manifesto, guia da intelectualidade progressista, quem nos ensina que a cultura nova vencerá através de uma guerra sem tréguas contra a cultura das classes dominantes, e os seus elementos, resguardando o legado progressista da cultura do passado no Brasil, e fortalecendo, cada vez mais, os seus elementos, que hoje se percebem nascer no país como o botão de uma flôr pertencente ao nosso povo.

NOVA DIRETORIA DA A. B. D. E.

Na noite do dia 14 de Agosto, no salão de conferências da "Casa de Ruy", foi empossada a nova diretoria da Associação Brasileira de Escritores, secção da Bahia. É a seguinte a nova diretoria: Presidente — Adroaldo Ribeiro Costa; 1.º Vice-Presidente — Walter da Silveira; 2.º Vice-Presidente — Antonio Loureiro de Souza; 1.º Secretário — Adalmir da Cunha Miranda; 2.º Secretário — Palma Netto; Tesoureiro — Luis Henrique Dias Tavares. Conselho Fiscal: — Arthur de Salles, Wilson Lins, Vasconcelos Maia, Arquimimo Ornellas e Cláudio Tuiuti Tavares.

IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES

REUNE-SE EM PORTO ALEGRE DE 20 A 25 DE SETEMBRO



O III Congresso Brasileiro de Escritores reuniu-se na Bahia, em abril do ano passado. No clichê, aspectos de sua instalação, falando o escritor Adroaldo Ribeiro Costa, o poeta Rossini Camargo Guarnieri e o escritor Galeão Coutinho

CONVOCAÇÃO DO CONGRESSO

Foi convocado para a cidade de Porto Alegre, entre os dias 20 e 25 de setembro vindouro, o IV Congresso Brasileiro de Escritores, conclave que hoje congrega as atenções de toda a intelectualidade brasileira.

Assinado pelo romancista Graciliano Ramos, presidente da Associação Brasileira de Escritores, é o seguinte o Manifesto de convocação do IV Congresso: — “A Comissão Organizadora do IV Congresso Brasileiro de Escritores, a realizar-se em Porto Alegre, na data de 20 de setembro próximo, dirige-se a todos os membros da Associação Brasileira de Escritores, a todos os escritores brasileiros, convocando-os para participar dos trabalhos da importante reunião.

Reunir escritores de todo o país para discutir seus problemas, deveres e direitos, debater teses e apreciar os atuais acontecimentos no país e no mundo, ligados à atividade do escritor e às questões culturais, é para a Nação um fato de incalculável importância, como o comprovaram os Congressos anteriores. Os escritores do Brasil não se encontram separados do povo, nem procuram fugir às solicitações da hora presente, em que se exige do escritor a sua indispensável e constante participação.

Essa participação constitui em nossa História um dos capi-

tulos mais ricos de compreensão dos deveres da inteligência, fé nos destinos nacionais e nas idéias progressistas. É o que nos diz o exemplo dos intelectuais nas lutas pela Independência, pela Abolição e pela República. Hoje, mais do que nunca, os escritores brasileiros sentem o inelutável dever de participar também em todos os movimentos nacionais em defesa da democracia, do progresso e da paz, de que depende o desenvolvimento de nossa cultura. Assim cresce e continuará a crescer a influência que sempre exerceu o escritor na vida social brasileira.

O IV Congresso saberá reunir escritores das mais variadas tendências, com o objetivo de formar vigorosa unidade na defesa dos interesses profissionais do escritor, da solução correta e urgente das questões imediatas da cultura brasileira, e na declaração de princípios que ajudem o nosso povo a resolver seus inadiáveis problemas, e reflitam ao mesmo tempo a justa e ardente aspiração de todos os povos, que é a paz mundial. Com esse espírito, convocamos os escritores para o IV Congresso, Congresso em defesa da cultura, em defesa das liberdades e pelo progresso do Brasil.

GRACILIANO RAMOS

A DELEGAÇÃO BAHIANA

A Bahia comparecerá ao IV Congresso Brasileiro de Escritores com a seguinte delegação, eleita em reunião de Assembleia da seção bahiana da A. B. D. E., no dia 6 de Agosto:

— Adroaldo Ribeiro Costa, Artur de Salles, Adalmir da Cunha Miranda, Acácio Ferreira, Arquimimo Ornellas, Antonio Loureiro de Souza, Cláudio Tuiuti Tavares, Clovis Amorim, Guilherme de Andrade, prof. Homero Pires, Heron de Alencar, James Amado, Jacinta Passos Amado, João Muniz, Luiz Viana-Filho, Luís Henrique Dias Tavares, Nestor Duarte, Nelson de Souza Carneiro, Fernando Alves, Palma Neto, prof. Pinto de Carvalho, Pedro Moacir, Sosígenes Costa, Sócrates Marback, Wilson Lins, Walfrido Moraes, Walter da Silveira, Vasconcelos Maia, Wilson Rocha, Ramackrisna Bagavan dos Santos e Zitelmann de Oliva.